

# SUPLEMENTO LITERÁRIO

Belo Horizonte,  
Julho-Agosto/2011  
Edição nº 1.337  
Secretaria de  
Estado de Cultura



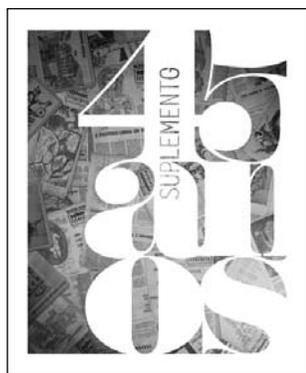
m seus 45 anos de vida, o **Suplemento Literário de Minas Gerais** – nascido *Suplemento Literário do “Minas Gerais”* como caderno de literatura do jornal da Imprensa Oficial do Estado – passou por diversas etapas e fases. Tendo surgido num período de exceção política e sempre animado pelo espírito libertário das artes, o SLMG sobreviveu à censura daquela época e às crises naturais de todo órgão vivo que se aventura pela criação artística e cultural.

Criado por Murilo Rubião, nosso primeiro número veio à luz no dia 3 de setembro de 1966.

A mudança de nome do jornal foi em consequência de sua adoção pela Secretaria de Estado da Cultura no final de 1994, com o objetivo de continuar seu destino, já então histórico, de manter viva parte da tradição literária que os mineiros ostentam desde tempos imemoriais, o que pode ser comprovado nos testemunhos de personalidades de destaque na vida cultural brasileira que mostramos neste número, além de depoimentos do jornalista e escritor Humberto Werneck, que participa desde o início da saga do SLMG, de Ângelo Oswald, atual prefeito de Ouro Preto e responsável por uma das fases mais criativas do jornal, e da matéria elaborada pelo contista e romancista Luiz Vilela, que bem ilustra o espírito lúdico que sempre caracterizou nossa redação.

E assim, dando continuidade a essa jornada, o presente número traz ainda uma entrevista que o poeta Francisco Alvim concedeu a João Pombo Barile, contos inéditos de Luís Giffoni e de Luiz Roberto Guedes, poemas de Guilherme Mansur e Antonio Barreto, uma resenha sobre o novo livro de Carlos Herculano Lopes, e Henri Michaux, traduzido por Ricardo Corona.

# SUPLEMENTO



Capa: Plínio Fernandes e Jairo Souza

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretário de Estado de Cultura**  
**Superintendente do SLMG**  
**Diretor de Apoio Técnico**  
**Diretor de Articulação e Promoção Literária**  
**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Diagramação**  
**Conselho Editorial**  
  
**Equipe de Apoio**  
  
**Jornalista Responsável**

Antonio Augusto Junho Anastasia  
Eliane Parreiras  
Jaime Prado Gouvêa  
Fabrício Marques  
João Pombo Barile  
Plínio Fernandes – Traço Leal  
Jairo Souza  
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques  
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos e Mariane Macedo Nunes  
Fabrício Marques – JP 04663 MG

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo  
30130-180 – Belo Horizonte, MG  
Fone/Fax: 31 3269 1143  
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)



# MEU

## SUPLEMENTO

### INESQUECÍVEL

HUMBERTO WERNECK

---

**N**ascido há tantas décadas, o *Suplemento Literário* teve desde então muitas encarnações. Sendo ainda mais antigo do que ele, posso falar da primeira, a que começou a sair das rotativas do *Minas Gerais* num sábado distante, dia 3 de setembro de 1966. Sem desdouro das que vieram depois, e tentando não abusar da nostalgia, tenho motivos para acreditar que aquela foi a melhor de todas. Se não mudou de opinião, o poeta Affonso Ávila, um dos pioneiros do *Suplemento*, haverá de concordar comigo: em 1991, quando o entrevistei para o meu livro *O desatino da rapaziada*, Affonso me contou que, para ele, o jornal foi relevante até a sua edição de número 454, publicada no dia 17 de maio de 1975. A última, explicou, feita sob o comando do contista Wander Piroli, que naquele momento se afastou da redação, indignado, para não dobrar-se à pressão de burocratas que, como diria Stanislaw Ponte Preta, despontavam para o anonimato.

Sei que o *Suplemento*, mesmo em suas fases esquecíveis, serviu ao leitor porções variáveis de ouro em pó cultural. Algumas pude acompanhar, mas de longe, pois vivo fora de Minas desde maio de 1970. Muita coisa, boa e ruim, certamente me escapou. Até por isso, por essas três décadas e meia de ausência, me dou o direito de ser ainda mais radical que o Affonso Ávila – e dizer que, para mim, o *Suplemento* que conta é aquele dos primeiros tempos, dos três primeiros anos, o *Suplemento* que Murilo Rubião concebeu e comandou diretamente até dele se afastar, em dezembro de 1969.

A história é razoavelmente conhecida. Em 1965, no que seria por longo tempo a última eleição direta para governadores de Estado, Israel Pinheiro chegou ao Palácio da Liberdade. Numa iniciativa mais ou menos rara de nepotismo benigno, levou para trabalhar com ele, como secretário, o sobrinho Raul Bernardo Nelson de Sena – e foi Raul quem teve a ideia de ressuscitar no *Minas Gerais* uma tradição literária muito antiga, anterior mesmo à passagem de Carlos Drummond de Andrade por lá, no final dos anos 1920, e que consistia em plantar um oásis de cultura e arte em meio à aridez dos despachos oficiais.

A redação do *Minas* tinha, em 1965, um luxo imerecido chamado Murilo Rubião, a quem a chefia, pouco imaginativa, entregava tarefas pífias como escrever necrológios – necrológios de gente viva, inclusive, como foi o caso do ex-presidente Wenceslau Brás, que só viria a morrer em maio de 1966.

Murilo tinha passado quatro anos em Madri, como adido comercial, durante o governo JK. Discretíssimo, voltou sem alardes de europeu recente. Para mim e para alguns companheiros de geração, adolescentes com fumaças literárias, ele era um enigma. Podia até mesmo não existir.

Pelo menos não era reconhecível entre os personagens do *Encontro marcado* de Fernando Sabino, o livro, quase escrevo bíblia, que o meu grupinho gostaria de arremedar na vida e na literatura. Não se tinha notícia de Murilo escalando, como Fernando, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos, os arcos do viaduto de Santa Teresa. Nem tocando fogo em casa de família para ver beldades de camisola saindo esbaforidas, como fizeram Drummond e Pedro Nava certa

madrugada dos anos 1920. Só tive a confirmação de que Murilo existia aí por 1960, quando encontrei, na biblioteca da Praça da Liberdade, um exemplar de *O ex-mágico*, publicado em 1947. Em seguida soube que era autor, também, de *A estrela vermelha*, uma *plaquette* que saiu em 1953 com apenas quatro contos e pouco mais de 100 exemplares.

Murilo Rubião, isto era certo, estava inteiramente desparelhado na ficção brasileira – e mesmo na ficção continental, pois ainda não sobrevivera, na segunda metade dos anos 1960, o cacofônico *boom* da literatura latino-americana. Livros como *Cem anos de solidão*, com personagens capazes de literalmente voar, ainda não haviam pousado nas livrarias brasileiras. Para desconforto dos críticos que amam organizar autores em times, não havia, na paisagem literária, um outro escritor “tipo Murilo Rubião”. Ele não só escrevia histórias bizarras como a meus olhos parecia, com a sua singular murilice, ter saído de algum de seus relatos fabulosos.

Em papel impresso e até em carne e osso, Murilo voltou à circulação em 1965, quando a Imprensa Oficial publicou *Os dragões e outros contos*, com 1000 exemplares e uma belíssima capa do pintor Mário Silésio. Tinha quase 50 anos, mas podia dar aos desavisados a impressão de ser de um estreante. O crítico Antonio Candido, sempre tão atento, leu *Os dragões* e, numa carta ao autor, se penitenciou por não haver, dezoito anos antes, registrado condignamente a chegada de *O ex-mágico*.

Ninguém, aliás, soubera até então avaliar devidamente a arte de Murilo, cujo nome no máximo aparecia, entre muitíssimos, na vala comum do vasto *et cetera* da ficção nacional contemporânea. Nem mesmo as antenas aguçadíssimas de Mário de Andrade, com quem ele se correspondeu entre dezembro de 1939 e dezembro de 1944. “Mário gostava do autor”, me disse uma vez Murilo, sem sombra de ressentimento, “e fazia o possível para gostar da obra...”

Foi esse o homem que Raul Bernardo Nelson de Sena encarregou de injetar literatura no insípido *Minas Gerais*.

Uma página, queria o secretário.



CAPA DA EDIÇÃO Nº 1  
DO SUPLEMENTO, LANÇADA  
EM SETEMBRO DE 1966.

Por que não um suplemento? – contrapropôs Murilo.

Na praça literária de Belo Horizonte, naquela metade de anos 1960, a ideia foi recebida com a indiferença, o ceticismo e o desdém que tantas vezes dão corpo ao espírito provinciano. Muitos achavam que seria preciso recorrer a traduções, pois simplesmente não haveria como encher tantas páginas.

Não era o que pensava Murilo, que tinha viva a recomendação de Mário de Andrade a Drummond e sua turma, quando os novos de 1925 engatilhavam *A Revista*: até como estratégia para não levar pancada, convinha misturar autores novos e veteranos, resguardado, é claro, aquele mínimo de qualidade literária.

Foi o que Murilo cuidou de fazer naquele suplemento literário que, por vir encartado nas edições de sábado do jornal oficial do Estado, era *do*, e não, como hoje, *de* Minas Gerais. Desde o começo, pôs lado a lado nomes consagrados, como Emílio Moura, Henriqueta Lisboa e Bueno de Rivera, e o sangue novo de Luiz Vilela, Sérgio Sant’Anna. Libério Neves, Sebastião Nunes ou Adão Ventura. Até mesmo passadistas como Moacir Andrade, Djalma Andrade e Eduardo Frieiro, escritores de nariz torcido para o já grisalho Modernismo, tiveram espaço no suplemento de Murilo Rubião.

O semanário, decidiu ele com sabedoria, teria “feição predominantemente mineira”, mas sem as viseiras do bairrismo; “a fidelidade à Província, nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo”, escreveu num editorial – e lembrou: “O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade”.

Murilo fez mais do que misturar gerações: ampliando o alcance da receita de Mário de Andrade, quis um suplemento que se ocupasse não só da literatura como da arte em geral – princípio declarado já no topo da primeira página do primeiro número. E assim foi feito. Além de ficção, poesia e ensaio literário, o cardápio do jornal, naqueles começos, incluía cinema, teatro, artes plásticas. Foi multidisciplinar antes que se usasse a palavra.

Essa disposição de Murilo ficou bem clara antes mesmo de se rodar o número 1, quando

convocou para trabalhar com ele o talento polivalente de Márcio Sampaio – poeta, contista, artista plástico e crítico de arte, além de jornalista. O bom faro de Márcio permitiu que o suplemento, desde o início, formasse uma equipe de ilustradores que misturava novatos como José Alberto Nemer e artistas já reconhecidos como Álvaro Apocalypse, Eduardo de Paula e o próprio Márcio Sampaio. Ou Jarbas Juarez, encarregado a certa altura de garimpar, entre seus alunos na Escola de Belas Artes, ilustradores para a ficção e a poesia de autores igualmente jovens – cuja seleção, por sua vez, era feita por Murilo, por Affonso Ávila e por Laís Corrêa de Araújo, que desde o primeiro número pôs para girar uma movimentada “Roda gigante”, nome da seção de notas que informava sobre novidades literárias.

A comissão de redação do suplemento incluía, ainda, a experiência e o bom senso de Aires da Mata Machado Filho, que em 1968 seria substituído pelo crítico e romancista Rui Mourão.

## O ANSEIO DE ATINGIR

## A ESQUIVA PERFEIÇÃO

## CONFIGURA A CHAMADA

## MINEIRIDADE. MURILO RUBIÃO

Além de Márcio Sampaio, Murilo arrebanhou José Márcio Penido, contista em quem detectou talento também de jornalista (embora o conhecesse apenas como caixa do banco onde tinha conta...), e o diagramador Lucas Raposo. Mais adiante, em 1968, engordou o grupo com a contratação dos poetas João Paulo Gonçalves da Costa, Valdimir Diniz e Adão Ventura, além do contista Carlos Roberto Pellegrino.

Tive a sorte incomparável de ser escalado nesse time, no emblemático mês de maio de 68, em substituição a José Márcio Penido, que estava de mudança para São Paulo. Estou seguro de que todos nós temos na vida um ou dois encontros realmente decisivos – e não tenho dúvida de que, para mim, um deles foi com Murilo Rubião.

Ele tinha sido um dos jurados de um concurso de contos que venci em 1965. Já não me lembro do valor do cheque que recebi das mãos de Alceu Amoroso Lima, mas sempre considerei como maior prêmio o

exemplar autografado de *Os dragões e outros contos* com que Murilo me presenteou. E me senti importantíssimo quando, em 1966, ele me convidou para colaborar no suplemento, o que comecei a fazer em 1967. Olhando para trás, devo admitir que, na apoteose mental de meus 21 anos, fui tomado pelo que chamo de vertigem de sobreloja. Razão de sobra, sei hoje, tinha Paulo Mendes Campos ao observar que na vida literária a verdadeira glória vem no começo.

E nunca deixo de me espantar, de me emocionar com a imerecida corda que Murilo dava ao petulante aprendiz de tudo. Sinto enorme vergonha retroativa quando me lembro da sem-cerimônia com que eu tomava ao pé da letra os pedidos para ler e palpitar nos contos dele, Murilo Rubião. Lia e palpitava como se tivesse sob os olhos textos de um frangote literário que nem eu próprio. Contos recém-saídos do forno, como *Os comensais ou Petúnia*, e versões retocadas de outros já publicados.

Um dia ele me pediu opinião sobre mexidas que dera em *O ex-mágico da Taberna Minhota*, carro-chefe de seu livro de estreia. Puxei a cadeira para perto de sua mesa, saquei a caneta e, impávido, fui em frente, seguríssimo de mim como nunca mais na vida. Do alto da minha sobreloja literária, lá pelas tantas impliquei com o substantivo “despautério”. Eu achava que a literatura se fazia de belas palavras, e que despautério era um... despautério. “Não dá, Murilo!”, pontifiquei. “Se eu fosse você, cortava imediatamente!” Muitos anos mais tarde, já provido de desconfiômetro, me lembrei do episódio – mas não tive coragem de reler *O ex-mágico*. Recentemente, contei a história ao jovem jornalista e escritor Marcus Assunção – e ele teve a maldade de me informar por e-mail, no dia seguinte, que a palavra já não lá está. E o pior é que, Murilo morto, não posso remediar o meu despautério...

Ele foi, de longe, o intelectual mais generoso e isento de preconceitos com que já cruzei, e isso se estampou com nitidez no seu suplemento. Murilo fez dele não a trincheira de uma panelinha, como costuma acontecer, mas um espaço onde se constituiu uma diversificada federação de grupos literários. Sem jamais posar de *maître à penser*, de guru, de dono do terreiro, deu vez e voz a todo escritor jovem que lhe pareceu merecedor de oportunidade. Sem paternalismo.

A nós, os privilegiados a quem deu também emprego, Murilo proporcionou, de quebra, o enriquecedor convívio com *habitués* da redação do suplemento, entre eles o doce Emílio Moura, o divertido Bueno de Rivera – poeta com o qual só não aprendemos a ganhar dinheiro, arte em que também era exímio... –, o sábio Francisco Iglésias, para não falar no incansável Hélio Gravatá, bibliógrafo sem cujo rigor não teria sido possível preparar e editar dezenas de edições especiais. Ou, de passagem, forasteiros como Décio Pignatari, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Maria Carpeaux, Roman Jakobson, Giuseppe Ungaretti, tantos outros. Ou, ainda, Clarice Lispector, com quem Murilo me encarregou de fazer uma das primeiras entrevistas de minha involuntária carreira de



## O SUPLEMENTO

VISTO POR  
SEUS AUTORES

(NOS PRIMEIROS TEMPOS)

“Suplementos Literários: até dá enjoo falar neles. Que retrato falso costumam oferecer da literatura! Entretanto, têm função importante a executar no quadro cultural do país. Se não a executam, a culpa é de quem os faz, não da fórmula jornalística. O SL do “Minas Gerais” põe o jornal a serviço da literatura e das artes, mediador entre a criação e o consumidor, e o faz com dignidade e imaginação. Merece ser lido.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“... o contentamento e o interesse que tenho, de receber o *Suplemento*, são para mim de verdade. Acho-se sem falhas. Digo que está redondamente – esplendidamente – expressando a literatura de Minas, a cultura. Pode alguém, sem susto e protesto imaginar que acaso ele viesse, por infortúnio, a desaparecer? Nem mesmo compreendo que não tivesse havido antes esse mensageiro da altura. Parabéns, pois, aos brados. Deus o mantenha sempre! – para alegrar-nos e orgulhar-nos e nos enriquecer.”

GUIMARÃES ROSA

“Considero o *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, dirigido por Murilo Rubião com a colaboração de intelectuais como Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, uma iniciativa de vanguarda, destinada a projetar-se – como já se projetou – para além das fronteiras de seu Estado de origem e a contribuir positivamente para a manutenção da vida do espírito num momento em que nos é mais do que nunca importante pensar e repensar, contra obscurantismos e inércias, o homem brasileiro moderno.”

HAROLDO DE CAMPOS

Um dos maiores romancistas modernos de Portugal: “As minhas felicitações abrangem ainda o brilhante *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, o melhor que em língua portuguesa se realiza. Um *Suplemento* com todas as janelas abertas para o vasto mundo das ideias. Recebe-o com muito aprazimento.”

FERNANDO NAMORA

“Meus melhores votos para o *Suplemento* tão sério que vocês estão fazendo.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Poeta e professor universitário em Roma: “Tenho recebido os números do *Suplemento Literário do “Minas Gerais”* que me trazem o ar da nossa terra e de nossa gente, mostrando que Minas procura “aggiornarsi”, como se diz aqui. Ainda bem. Sei o quanto isto representa de esforço para vocês todos; aqui vai o meu sincero aplauso. E muito obrigado.”

MURILO MENDES

Consagrado crítico de arte e professor, então recentemente falecido: “Imagine a minha alegria ao receber aqui em Paris, em ricochete de meu antigo endereço de São Paulo, onde continua minha família, os números do SL, que a bondade de vocês me mandou. Grande alegria, sem dúvida, embora seja a alegria mais dos nostálgicos que se vão consumindo, pouco a pouco, na distância. Mas alegria tanto mais autêntica quanto mais cortante é a saudade que a desperta. E, nesse sentido, vocês não poderiam ter disparado mais diretamente no alvo do que fizeram com a lembrança de Emílio Moura, em seu número quatro, ou com a quintessência do Alphonsus que é essa “Ismália” que sempre me leva às lágrimas. Muito obrigado.”

LOURIVAL GOMES MACHADO

Crítico e ensaísta, na “Revista Civilização Brasileira”: “Em Belo Horizonte existe, em nossos dias, um dos movimentos literários mais sérios do País; apesar de todas as dificuldades, que são inumeráveis e grandes, esse movimento começa a revelar alguns valores, com personalidade própria, valores que tendem a afirmar-se... Pode-se acompanhar esse movimento um pouco no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, secretariado por Murilo Rubião e de cujo conselho de redação fazem parte este, Ayres da Mata Machado Filho e Laís Corrêa de Araújo...”

NELSON WERNECK SODRÉ

Em sua coluna “Porta de Livraria”, de “O Globo”, Rio: “Continua da melhor qualidade o *Suplemento Literário do “Minas Gerais”* feito sob a direção do escritor Murilo Rubião.

ANTÔNIO OLINTO

“Tenho apreciado imensamente o SL. E ouvi muitos louvores a ele, na roda mineira do Rio. Rogo-lhe que continue a mandar-me este inesperado e vivíssimo rebento do velho e conservador “Minas Gerais”. E dizem que os mineiros não gostam de fazer revoluções!... Parabéns pelo grande êxito da publicação.”

CIRO DOS ANJOS

ESTES COMENTÁRIOS FORAM  
PUBLICADOS EM 1967, QUANDO  
O SLMG COMPLETOU UM ANO.

---

# UMA **LUZ** EM TEMPO DE **SOMBRA**



ÂNGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

**O** *Suplemento Literário* faz 45 anos, e eu comemoro, também, os 40 anos do início de minha gestão como seu editor. Foi em 1971 que, a convite do diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, assumi o cargo de secretário do *Suplemento Literário* do “*Minas Gerais*”, como era intitulado. Estava vago em razão da desistência do escritor Ildeu Brandão, que o ocupara interinamente desde a saída de Rui Mourão.

Por imposição das autoridades do Exército em Belo Horizonte, o autor de *Curral dos crucificados* foi afastado do *Suplemento*. Os militares alegaram que Mourão havia assinado o célebre manifesto dos professores contra a ocupação da Universidade de Brasília e seria, por isso, um “subversivo”, não podendo ocupar cargos públicos em qualquer esfera.

Murilo Rubião, criador do *Suplemento Literário*, em 1966, no início do governo Israel Pinheiro, tinha deixado a direção do caderno para assumir uma série de tarefas culturais que o governador cumulativamente lhe confiava. Chamou Rui Mourão para dar continuidade ao projeto, já consagrado nos meios literários do Brasil e cercado de aplausos internacionais. Pode-se dizer que Rubião foi secretário da Cultura de Minas Gerais antes da existência da pasta. Articulou as entidades do setor, como a Imprensa Oficial, a Escola Guignard, a Rádio Inconfidência, a Coleção de Arte do Palácio da Liberdade, a Fundação de Arte de Ouro Preto – FAOP –, da qual foi o primeiro presidente, e o Palácio das Artes, concluído por Israel Pinheiro.

Por isso pôde Rubião acolher Rui Mourão como diretor-executivo da recém-instalada FAOP, onde não o alcançou o radar persecutório do general comandante de Belo Horizonte. Logo depois, Mourão seria nomeado diretor do Museu da Inconfidência, pelo IPHAN, posição em que continua a prestar uma contribuição admirável à museologia e à cultura.

Preocupado com os riscos que ameaçavam o *Suplemento*, Murilo Rubião obteve a nomeação do contista Ildeu Brandão, antigo funcionário do Palácio da Liberdade. Brandão chegou advertindo que não permaneceria longo tempo no posto. Rubião queria que o jornalista e escritor Humberto Werneck assumisse o cargo, mas veio logo o convite para o “*Jornal da Tarde*”, em São Paulo, no auge da fase em que, exportando “minérios e mineiros”, Minas abastecia as redações paulistas com o melhor das safras literárias. O contista Carlos Roberto Pellegrino também deixava Belo Horizonte e não aceitou a tarefa.

Era preciso encontrar rapidamente uma solução. Havia muita pressão e interesses conjurados. Reunido com Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, Murilo Rubião decidiu convidar-me. Eles lembraram que eu tinha feito a coluna de resenha literária no “*Diário de Minas*” e escrevia no “*Estado de Minas*”, além de estar integrado na geração que se articulava à volta do *Suplemento*, participando de reuniões e eventos, como as célebres viagens a Diamantina e Pirapora, para o lançamento de edições especiais. Eu tinha 23 anos e entrava no último ano da Faculdade de Direito da UFMG.

Paulo Campos Guimarães ficou feliz com a indicação – “conheço o Ângelo desde menino, fui colega do pai dele, Christino, e o avô, José Oswaldo, é como irmão do meu sogro, Mário Matos”, dizia, com a voz troante e inconfundível. Além do mais, o diretor da Imprensa já imaginava que eu poderia ter a proteção tutelar desses nomes, porque meu avô havia sido, fazia pouco, presidente da Academia Mineira de Letras, e um pequeno grupo de acadêmicos movia ardilosa campanha contra o “vanguardismo” do *Suplemento* e a blindagem estabelecida por Rubião contra a sublitteratura que costuma assaltar publicações do gênero, sobretudo quando custeadas pelo Estado. Abílio Machado Filho, secretário de Governo, levou meu nome a Rondon Pacheco. O cargo de secretário

da Redação do *Suplemento Literário do “Minas Gerais”* era de livre escolha do governador. Ambos também haviam sido colegas de meu pai, na Casa de Afonso Pena, e me conheciam.

Imediatamente, assumi o trabalho, contando com o poeta Libério Neves e o contista Mário Garcia de Paiva na Comissão de Redação. Defini nosso alvo: vanguarda e memória, contemporaneidade e cultura de Minas, invenção literária e artística e barroco mineiro, pluralidade de temas e linguagens.

A publicação era semanal, saindo aos sábados, na barriga do “Minas Gerais”, com distribuição separada para algumas bancas e uma listagem especial, incluindo pessoas e instituições do exterior. Ocupávamos uma sala no velho edifício da Imprensa Oficial, na avenida Augusto de Lima, e havia sempre uma roda de jovens autores e artistas. Sérgio Sant’Anna marcava presença, quase todas as tardes, a caminho do “Saloon”, na rua Rio de Janeiro, onde já estaria Fernando Brant, que por vezes vinha encontrá-lo. Sebastião Nunes aparecia, com suas últimas invenções poéticas, e Marcos Benjamim trazia desenhos.

Adão Ventura, Jaime Prado Gouvêa, Luís Márcio Vianna e Sérgio Tross atuaram na equipe, como redatores. Eduardo Frieiro, Aires da Mata Machado e Emílio Moura gostavam de demorar na nossa redação. Emílio fez uma caricatura do poeta Adão. Francisco Iglésias, Henriqueta Lisboa e Maria José de Queiroz nos visitavam. José Nava passava um instante, a caminho do “Lua Nova”. Bueno de Rivera era presença saudada com alegria. Numerosos artistas queriam ilustrar os textos e vinham em busca de encomendas: José Alberto Nemer, Álvaro Apocalipse, Eliana Rangel, Madu Vivacqua Martins, Carlos Wolney, Liliâne Dardot. Maurício Andrés publicava fotos. O poeta e crítico Márcio Sampaio mantinha uma página sobre artes plásticas e muitos queriam também conversar com ele. Havia espaço para o cinema e o teatro. Lucas Raposo empenhava-se numa diagramação criativa.

Em Ouro Preto, a poeta americana Elizabeth Bishop deu-me um poema traduzido por Emanuel Brasil. Pedro Nava veio agradecer a publicação de uma página inédita de *Baú de Ossos*, que estava para ser lançado. O “verde” Guilhermino César, morando em Porto Alegre, quis conhecer os novos dos anos 70. Vindo de Roma, Murilo Mendes fez questão de visitar o Suplemento, considerando-a mais importante publicação literária não só para o país, como para a difusão e o diálogo da literatura brasileira no exterior. Carlos Drummond de Andrade agradeceu, com carinho, a edição pelos seus 70 anos. Em São Paulo, Antonio Candido elogiava o caderno, e referiu-se, com entusiasmo, ao poema de Adolfo Maurício Pereira, jovem estreante de Cruzília.

Comemoramos o cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 22, ao longo de várias matérias. O poeta Augusto de Campos, o crítico de arte Roberto Pontual e o escritor Silviano Santiago colaboravam com assiduidade. Carlos Ávila, Chacal, Afonso Henriques Neto e Eudoro Augusto mostravam a primeira poesia.

Abgar Renault, em conversa com Drummond, intrigava-se com a ousadia do Suplemento, não como uma censura, senão com espanto, à vista da realidade política do momento. O governador Rondon Pacheco

absorveu o comentário, num encontro com Abgar, com preocupação grave, mas o secretário Abílio Machado e o diretor Paulo Campos Guimarães cuidaram de diluir os impactos. Eu procurei montar um esquema de defesa. A Medalha Machado de Assis foi dada pela Academia Brasileira de Letras à Imprensa Oficial pelo êxito do Suplemento. A vereadora Júnia Marise, na Câmara de Belo Horizonte, o deputado Bonifácio Andrada, na Assembleia, o deputado Aureliano Chaves, na Câmara Federal, e o senador Gustavo Capanema pediram votos de congratulações ao governo de Minas em razão do *Suplemento Literário*, o que ajudava a manter a aparente tranquilidade. Tudo isso foi movimentado em favor da linha editorial que vitoriosamente ia à frente.

Artigo de Edgar da Mata Machado no número dedicado a Milton Campos ensejou controvérsia. Cassado não poderia publicar. Mas a edição especial teve a melhor repercussão. Caio Fernando Abreu entrevistou Tânia Faillace, e falaram nas entrelinhas sobre prisão e tortura no Rio Grande do Sul. Entre breves palavras e pequenos sinais, o *Suplemento* repercutia as angústias do país em tempo de silêncio forçado.

No início de 1973, Julio Cortázar e Ugné Karvelis vieram a Minas conhecer Ouro Preto e Congonhas. Fui encontrá-los, com Celina Albano, Roberto Drummond e Mauro Santayana. E eles nos falaram, com entusiasmo, sobre o Suplemento: “Foi nesse caderno que eu me li pela primeira vez em português”, revelou Cortázar. Nasceu ali uma amizade muito querida, que cultivei até à morte do casal.

Com uma bolsa do governo francês para três anos em Paris, deixei a direção do *Suplemento Literário* no meado de 1973. O Brasil vivia um momento de penumbra, e a luz que tínhamos tentado buscar naquelas páginas parecia prestes a se apagar. Um dia, soube que haviam empastelado o Suplemento, num ato de agressiva repressão, nas oficinas da Imprensa Oficial, onde estive por mais de dois anos, sempre na noite das quintas-feiras, para conferir a impressão das tiragens. Longe do Brasil, a notícia chegou como aquela gota de sangue que Mário de Andrade disse que há em cada poema.

Quarent’anos depois, relembro aqueles tempos com Luís Márcio Vianna, e ele diz: “Como ficamos velhos, sem merecer, e com que rapidez. Não me conformo e resisto”. Continuaremos sempre novos nas páginas do Suplemento. Ali está o tempo que não passa, guardando a juventude da nossa geração literária.

# BOLA AO CESTO NA REDAÇÃO DO SUPLEMENTO

LUIZ VILELA

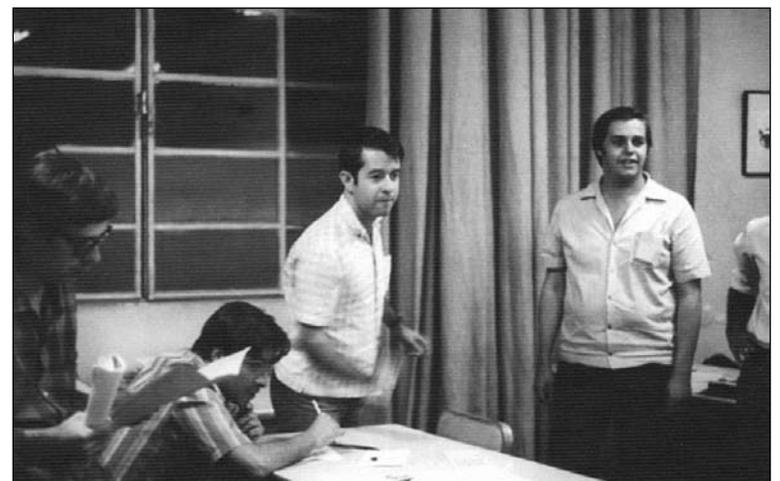
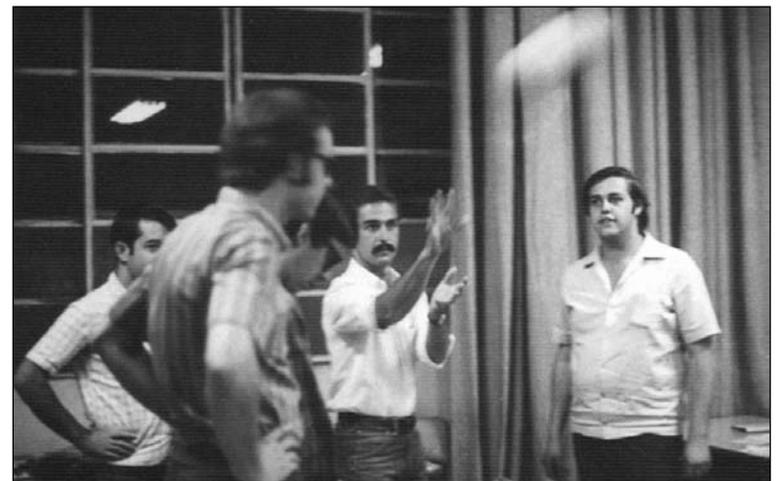


**S**e tão importante foi para nós, os escritores novos, em Belo Horizonte, a publicação de nossos textos nas páginas do *Suplemento* em seus primeiros anos de existência, não menos importantes foram os nossos encontros em sua sala de redação, no prédio da Imprensa Oficial, encontros nos quais se falava de tudo e mais alguma coisa.

Na maioria das vezes, esses encontros, que aconteciam geralmente no final da tarde, cada um chegando de algum lugar, eram o ponto de partida das nossas esticadas noturnas. Com a redação encerrando o expediente, saíamos, em grupo, e nos dirigíamos a algum bar da redondeza – o Saloon, ou o Lucas, ou qualquer outro –, prosseguindo em nossos intermináveis papos, movidos agora a cerveja e caipirinha.

Nos começos da década de 70 – os escritores novos já não tão novos, alguns já de livro publicado, outros fazendo parte da equipe do *Suplemento* –, uma novidade, que nada tinha de literária, nos segurava por mais tempo na redação: a bola ao cesto, um inusitado esporte em que a bola era uma bola de isopor, e o cesto, o cesto de lixo, colocado estrategicamente sobre um móvel da sala. Fechava-se então a porta, para evitar possíveis curiosos, e dava-se início à competição, que vencia quem fizesse mais pontos, ou seja, quem mais vezes a bola encestasse, tudo devidamente anotado pelo juiz, sentado a uma mesinha.

Alguém duvida? Aí estão, nesta página, as fotos, que não me deixam mentir, com os craques flagrados em ação, em lances às vezes tão rápidos, que a câmera – uma Minolta, que eu, fazia pouco tempo, havia comprado – não conseguia captar em sua inteireza. No final da competição aquele dia, a clássica foto dos craques posando para a posteridade – sem esquecer, é claro, a bola e o cesto.



De pé, Duílio Gomes, Luís Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Luís Márcio Vianna, Antonio Carlos Braga, Sérgio Tross e Humberto Werneck. Agachados, Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela e Valdimir Diniz.

## O SUPLEMENTO

VISTO POR  
SEUS AUTORES

(NOS DIAS DE HOJE)

Como leitor brasileiro e interessado centralmente pela obra literária, tenho acompanhado o *Suplemento Literário de Minas Gerais* desde seu início. Nesta condição, só posso agradecer aos que o têm feito continuar, ao passo que os suplementos dos grandes jornais progressivamente nos abandonam. Para que meu agradecimento não pareça algo apenas pessoal: creio que a política contrária dos grandes jornais prejudica não só a literatura brasileira mas à sua cultura em geral, pois a literatura é o meio expressivo para o qual convergem a filosofia, a história e as ciências humanas. Ora, no momento em que se diz que o Brasil estaria dando um salto que o aproxima das grandes potências, é deplorável que as condições de produção cultural atrofiem. As autoridades devem crer que crescimento se limita a padrões econômicos. O *Suplemento Literário de MG* por sorte nossa não pensa assim.

LUIZ COSTA LIMA

Como não nos é chegado o som estridente da corneta, mas o marulhar das palavras em frases leves e cadenciadas, de preferência sentidas e inteligentes, somos nós, os mineiros, inventores de revistas e de suplementos literários. Vale dizer: somos inventores para o consumo interno e exportadores para o Brasil de novas gerações letradas. As revistas têm tido vida passageira (Edifício, Tendência, Complemento...), mas o *Suplemento Literário de Minas Gerais* permanece colosso e impávido. Sucessivos diretores e equipes de jovens, inspirados por Murilo Rubião, têm administrado com competência e sensibilidade a radicalidade ou o conservadorismo das muitas e complexas fases da vida desse que hoje sopra 45 velinhas. Parabéns!

SILVIANO SANTIAGO

Num terreno – o dos jornais de cultura – de imensa instabilidade, louvamos os 45 anos do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Acompanho-o, com alguns intervalos, desde o início da década de 1970, e conservo em meus arquivos numerosos (e esplêndidos) exemplares disseminados ao longo desse período. Destaco, em especial os “números especiais” dedicados a grandes escritores, e que se tornaram fonte indispensável de informação para professores e estudantes das Faculdades de Letras. Seria, aliás, muito desejável que o *Suplemento* viesse a nos brindar com um livro que recolhesse alguns dos antológicos ensaios pioneiramente estampados em suas páginas.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

O *Suplemento Literário de Minas Gerais* sempre foi e espero que continue a ser um raro respiradouro na crescente asfixia da literatura e da poesia nos cadernos culturais da nossa imprensa cotidiana. Faço votos para que continue a desempenhar esse papel e que dê espaço especialmente àqueles que ousam fugir à obviedade canonizada e buscar novos caminhos para o imaginário poético, hoje tão cerceado e marginalizado. Que aposte nos least-sellers.

AUGUSTO DE CAMPOS

SupLeMGnto! Não se trata de um sobrevivente – embora a paisagem dos suplementos literários na imprensa brasileira seja hoje um lamentável deserto. Trata-se de um resistente. Que não passa recibo: desfila no meio da pasmaceira como se ela não existisse. E não existe mesmo! É incrível a regressão da esfera pública no Brasil das últimas décadas. Um por um, os jornais de grande circulação foram abandonando qualquer debate intelectual e crítico sério, que esteja em conexão com a produção contemporânea séria. Isto é bem significativo do preço alto que nos custa o fato de sermos liderados por uma burguesia ignorante, engolidora de gadgets, telespectadorizada, adolescentizada e pop-apática, chocadora de ovos gordos made in China (parafrazeando o poeta). Como pode? Paradoxo: as frestas que nos restam de esfera pública dependem de estruturas governamentais – o que nos deixa à mercê dos anões de jardim que detêm o poder político no Brasil. O que defende o SupLeMGnto contra a força destrutiva de tantas renúncias, de tamanha demissão do espírito público? Só pode ser a força da sua história, do seu compromisso sempre renovado, do gesto de grandeza que ele ensaia e encena sempre desde o início. Deve ser isto o que 'captura' certas pessoas – leitores, editores, colaboradores – e as envolve no cerne de um projeto comum que se torna vital.

## SÉRGIO ALCIDES

Quem quiser estudar a literatura brasileira produzida nos últimos 50 anos tem que necessariamente consultar o SLMG. O suplemento acompanhou de perto as tendências deste período, revelando escritores e recuperando autores esquecidos, além de apresentar, em traduções, os estrangeiros. Mesmo com altos e baixos, o SLMG vem cumprindo mineiramente, ou seja, sem estardalhaços, o seu papel dentro da cultura brasileira.

## LUIZ RUFFATO

A maior de todas as ousadias do *Suplemento* foi ter contrariado a mortandade prematura de publicações do gênero e, ao longo de 45 anos, resistido às mudanças de regime (da ditadura para a democracia), de governos, de administrações e linhas editoriais conflitantes e, até mesmo, hostis umas com as outras. O *Suplemento* resistiu. O *Suplemento* resistiu até mesmo às vaidades. Convidado por Murilo Rubião, integrei a sua Comissão de Redação em 1983. Mas o *Suplemento* faz parte da minha vida desde que cheguei a Belo Horizonte em 1967. Foi em suas páginas que publiquei o meu primeiro texto. E, em posição contrária aos que fazem recortes cronológicos em favor deste ou daquele grupo, costume dizer que até as fases ruins do *Suplemento* foram importantes, pois permitiram o reordenamento da audácia para que surgisse uma fase melhor em um período seguinte.

## PAULINHO ASSUNÇÃO

O *Suplemento Literário de Minas Gerais* foi o primeiro jornal em que colaborei poeticamente. O poema enviado foi "Germinal", que abre meu livro *De corpo presente*, que começava a ser escrito, no começo dos anos 70, e que só foi publicado em 1975. Cheguei a trocar uma ou duas cartas com o grande Murilo Rubião acerca da colaboração, pois foi através dele que cheguei ao tabloide que lia e leio até hoje com muito proveito. Entendo que é assim porque o SLMG sempre foi um jornal ecumênico que abrigava todas as tendências, o que o torna, 45 anos depois de sua criação, um *Suplemento* cuja a leitura é indispensável, pois forma e informa, generosamente, "pardais novos", como dizia Manuel Bandeira, e os antigos, como eu.

## ARMANDO FREITAS FILHO

### MAIORIDADE

Em conversas com José Paulo Paes, ele sempre comparava tradições artísticas distintas. Lembro-me de o poeta falar que, na Grécia, algumas revistas literárias tinham mais de cem anos de circulação regular, enquanto aqui no Brasil elas morriam na infância. Para contrariar esta mortandade infantil, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* chega aos 45 anos, o que faz dele um dos centros do campo literário nacional. Para mim, ele sempre foi sinônimo da literatura moderna.

## MIGUEL SANCHES NETO

Desconheço outro *Suplemento Literário* que, em qualquer época, tenha alcançado êxito tão completo e tão significativo para a cultura brasileira. Ele não se limitou a ser órgão destinado a acolher textos para divulgação. Aberto no seu início principalmente a jovens, para os quais se transformou em verdadeira escola, deu origem a nova geração literária em Minas Gerais, a chamada "geração Suplemento". No momento em que as vanguardas agitavam o país com um surto de criação renovador, ele se tornou tribuna para o que se fazia no Estado, dando sequência à movimentação da revista *Tendência* e suas subsidiárias. Quando a ficção latino-americana conheceu seu instante hegemônico, foi a publicação então vinculada à Imprensa Oficial que traduziu e ajudou a divulgar entre nós autores como Júlio Cortazar e Juan Rulfo, para citar apenas os principais.

## RUI MOURÃO

Acompanho o *Suplemento* de Minas desde que comecei a escrever, nos idos dos anos 80. Orgulho-me de ter participado, ao longo dos anos, com meus poemas, ensaios e traduções. De importância indiscutível para a literatura e cultura brasileiras, passou por vários editores e importantes reformulações, sem jamais perder a força e a pegada editoriais.

Quem quiser saber o que se passou nos últimas décadas na vida literária brasileira tem no SLMG um item essencial. Que venham mais 45 anos de Suplemento!

## RODRIGO GARCIA LOPES

Quando me mudei para BH, em 72, já editava em Passos a revista literária *Protótipo* (uma das pioneiras da “literatura marginal”, na década de 70). Em 73 a *Revista Literária da UFMG* publicou alguns poemas e contos meus, premiados nos concursos da revista, no meio universitário. Nessa época ajudei a fundar algumas publicações “marginais” como *Silêncio*, *Bodoque*, *Palavra*, *Punhal*, *Circus*, *Vapor*, *Vagão* etc. Alguns textos começavam a aparecer também nas revistas *Belcontos*, *Edições Marginais*, *Inéditos* e nos jornais *Ex*, *Movimento* e *Pasquim*. Mas foi o *Suplemento* quem me botou realmente em campo, em 74, ao publicar um poema meu – sob a batuta do técnico Wander Piroli (editor da época). O SL era distribuído, lido e discutido no Brasil e no exterior. Houve repercussão. Recebi cartas de leitores da Europa, América Latina e até da Nova Zelândia. Considero que essa foi minha estreia na literatura. E foi na redação da rua Augusto de Lima que conheci grandes mestres como Murilo Rubião, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Affonso Ávila, Laís Correia de Araújo, Ângelo Oswald, Sérgio Sant’Anna, Luiz Vilela, Roberto Drummond, Fábio Lucas, Oswald França Jr... E me tornei amigo de outros como Jaime Prado Gouvêa, Duílio Gomes, Libério Neves, Adão Ventura, Paschoal Motta, Branca de Paula, Carlos Herculano, Drummond Amorim, Sebastião Nunes, Chanina, Petrônio Bax, Álvaro Apocalipse... Ufs! Era tanta gente boa que não haveria espaço, aqui, para comprovar o que me disse, certa vez, mestre CDA: “nenhuma literatura vale mais do que uma boa amizade!”

## ANTONIO BARRETO

É sempre com expectativa que abro as páginas do *Suplemento* assim que ele chega pelo correio. Desde a capa caprichada, tudo causa prazer no leitor, que nele encontra matérias de críticos importantes, revê autores consagrados, amplia seus horizontes entrando em contato pela primeira vez com antigas e novas vozes literárias. Recebo e coleciono o *Suplemento Literário de Minas Gerais* há muitos anos, e de vez em quando dou uma relida em algum conto ou reflexão interessante de números passados. Creio que se trata do periódico cultural mais constante e vivo do Brasil.

## VIVIANA BOSI

O número 148, de junho de 1969 do *Suplemento Literário do Minas Gerais* publicou um poema de minha autoria, cujo título, “Aspreza”,

era absolutamente impróprio para traduzir o contentamento que me causou a sua leitura. A publicação significava ter sido aceito no panteão reservado à “Geração Suplemento”, formada por jovens escritores que ingressavam no seletivo e competitivo mundo das letras. Pouco tempo depois recebi, pelo correio, um simpático pedido de entrevista feito por Duílio Gomes, da equipe de editores. Uma inexplicável timidez, contudo, me fez recuar diante do convite de Duílio e acabei não respondendo à entrevista. Mal avaliei que as respostas teriam de ser inteligentes demais, além do que eu me julgava capaz. A babaquice deve ter me custado, com carradas de razão, a antipatia de Duílio, injustamente esnobado. Mais que isso, a oportunidade de me enturmar com o pessoal e ingressar, pela porta da frente, na prestigiosa “Geração Suplemento”. Bem feito!

## REGIS GONÇALVES

As lembranças mais antigas que tenho do *Suplemento* coincidem com as da minha iniciação literária: estão no tempo em que começava a se insinuar na minha cabeça a ideia de, um dia, vir a escrever. Isso foi no começo dos anos 80. Dois nomes sempre retornam com força: o de Murilo Rubião e o de Drummond. O primeiro, que descobri ao ler o conto “Exmágico da taberna minhota” em um surrado exemplar do *Suplemento* na biblioteca do colégio; o segundo, que eu via e revia nas páginas de sábado do “Minas Gerais” (até hoje, quando penso em Drummond, em sua figura física, penso em uma certa capa do *Suplemento*). Dos dois guardo algumas edições especiais. Em torno deles, o *Suplemento* se organiza na minha memória: aquele caderno grande, de folha de jornal, sóbrio, sofisticado, gratuito e com belas ilustrações – reunindo poetas, artistas, escritores e críticos de toda parte.

## MARCÍLIO FRANÇA CASTRO

Desde sua origem – com Murilo Rubião – O *Suplemento Literário de Minas Gerais* divulga o que há de melhor e atual na literatura, em seus vários gêneros, enquanto nos acorda, sempre, para o que aqui houve. Se buscamos a história da Literatura Brasileira, nos últimos 50 anos – em Minas e além de Minas – o *Suplemento Literário* é fonte precisa para esse aprofundamento, Conhecer pela literatura é perceber tanto o real como o ideal. Seu rigor, em cada edição, nos surpreende e nos mostra novos rompimentos significativos e definitivos com o cotidiano da linguagem.

## BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Um dos grandes momentos da literatura mineira no século 20, em termos de caderno cultural foi, sem dúvida, o *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*, criado por Murilo Rubião em 1966 e que agora completa

45 anos. Foram quatro décadas e meia de intensa ebulição literária e artística. Por suas páginas passaram contos, poemas e ensaios assinados por autores iniciantes ou mestres consumados como Drummond, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Clarice, Julio Cortázar. Nos bastidores, brilhava igualmente a parceria de artistas plásticos do nível de Chanina (um dos primeiros alunos de Guignard), para citar apenas um, já que o elenco é enorme e diversificado como o dos autores.

Tive a honra de dirigir o SLMG nos anos 80 e esse detalhe acabou se tornando um destaque no meu perfil literário.

## DUÍLIO GOMES

Comecei a ler o *Suplemento Literário de Minas Gerais* em fins dos anos 70 e voltei a ele muitas vezes para pesquisas na década seguinte e depois. O “acervo” do SLMG está entre os mais importantes da história de nossos periódicos, com um conjunto estupendo de editores, *designers*, escritores, pesquisadores e artistas plásticos dos mais variados campos, sendo praticamente obrigatória sua consulta para quem queira conhecer literatura, cultura e arte. Mas esta relação com o SLMG acabou se tornando também afetiva pelo fato de diversos amigos terem editado o jornal a partir dos anos 90, quando passei a acompanhar sistematicamente a publicação. E até hoje não perco um número. Seus 45 anos de existência, enfrentando toda ordem de dificuldades, são um marco dificilmente superável e isso é motivo mesmo para uma grande festa!

## RONALD POLITO

Para mim e para os escritores de minha geração aqui no Sul, o SLMG foi o grande e generoso veículo do início de nossas carreiras. Nós falávamos sobre ele como se estivéssemos falando de um amigo muito próximo, que nos compreendia e nos estimulava a seguir em frente. Dir-se-ia que o considerávamos uma pessoa, e como pessoa era muito amado. É um milagre que esteja a completar quase meio século de vida, e uma felicidade que hoje em dia professe os mesmos princípios que determinaram sua fundação.

## SERGIO FARACO

Ali por volta dos 18 anos, eu e um monte de jovens, líamos Ernest Hemingway e queríamos escrever no estilo do célebre escritor norte-americano. Pois aquelas minhas histórias juvenis acabaram por me levar até o *Suplemento Literário*, indicadas para publicação pelos escritores Angelo Oswald e Rui Mourão. Então, eu viajava cem quilômetros para entregar os textos nas mãos do poeta Adão Ventura, sempre muito gentil comigo na redação. Mas os meus anos de prosa duraram pouco e me agarrei apenas à poesia. Anos mais tarde, já trabalhando como artista

gráfico, fui convidado pelo poeta Carlos Ávila, novo editor do SL, para fazer a reforma gráfica do jornal e seguir paginando-o. Com a troca de governo, Carlos saiu e eu continuei no SL, com o poeta Anelito de Oliveira como editor. Acabado aquele governo, foi a minha vez de sair. Parafraçando as três ceguinhas de Campina Grande, o que tenho a dizer é que o *Suplemento Literário de Minas Gerais* foi um campo grande onde pude exercitar com plena liberdade aquilo para o que nasci.

## GUILHERME MANSUR

Um jornal literário chegar aos 45 anos de idade é motivo de festa para a cultura brasileira. Não só no Brasil, mas em todo o planeta, é uma verdadeira raridade. Há quase 30 anos acompanho o *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Em suas páginas, descubro novos autores de qualidade e leio inéditos de poetas, escritores, pensadores e ensaístas veteranos. O jornal cumpre uma função fundamental no ecossistema literário e cultural do país: está sempre oxigenando o ambiente para que as ideias, as inquietações, as revelações, os questionamentos continuem vivos. Especialmente em uma época em que a vida e a troca de experiências estão cada vez mais permeadas por um mercantilismo avassalador, manter as ideias circulando é essencial para que não afundemos no vazio, sufocados pela ganância e pela estreiteza existencial. Como diz o poeta Chacal: “A vida é curta pra ser pequena”. Vida longa ao SLMG.

## ADEMIR ASSUNÇÃO

Sou leitor do *Suplemento* desde 1971, quando aos 17 anos me assumi como poeta e comecei a ler literatura de maneira sistemática, para me integrar ao meio e para aprender. Foi nessa época que me tornei frequentador assíduo de páginas literárias e publicações na área, para onde mandava meus poemas, da Brasília onde morava. Nem me lembro como fui incluído entre os destinatários do *Suplemento* de MG. Mas desde então, tem sido sempre uma alegria recebê-lo e lê-lo. Sempre gostei da diagramação tipo limpa dele.

## ITALO MORICONI

Tenho uma ligação umbilical com o *Suplemento*. Lembro-me bem do dia em que o Murilo Rubião me procurou e me convidou para fazermos o *Suplemento*. Ele havia morado na Espanha, ficado alguns anos fora do país, e não tinha muito contato com as novas gerações de poetas e escritores. Junto com minha mulher, Lais Correa de Araujo, colaborei na criação do jornal que, no seu início, contava com a colaboração do professor Aires da Mata Machado.

## AFFONSO ÁVILA

Não exagero em afirmar que o *Suplemento Literário*, ao longo de seu quase meio século, é, para a literatura brasileira, uma espécie “borgeana” de “aleph”. Pois, em suas páginas, foi e continua sendo veiculado o mais vital de nossa produção. Do audacioso número especial dedicado ao Poema/Processo a álbuns-homenagem – Alphonsus de Guimaraens, Carlos Drummond de Andrade, Augusto de Campos, entre tantos.

Falo isso – sem incenso e sem rancor. Pois, desde meados da década de 1980, não tenho nenhum trabalho (crítico ou poético) publicado em suas páginas. Sou apenas um leitor que acompanha, pesquisa e coleciona este periódico/biblioteca.

## MARCELO DOLABELA

Recebo e leio o *Suplemento*, sem dúvida uma das mais relevantes publicações sobre literatura. Talvez seja o único suplemento cultural a dar tanta ênfase à poesia, essa arte da imensa minoria, como disse Juan Ramón Jiménez. A diversidade e a qualidade dos textos são atributos do *Suplemento*, como mostram as edições temáticas. Atualmente os livros de auto-ajuda são rotulados de ficção, e best-sellers banais são celebrados como se fossem romances. Por isso, é necessário retomar critérios críticos quando o assunto é literatura. Há outra coisa que admiro no *Suplemento*: seu inconfundível traço mineiro. Às vezes descubro a obra de um autor, garimpada pelo *Suplemento*. Gosto dessa mineração do outro e do olhar que Minas lança sobre a literatura brasileira.

## MILTON HATOUM

O *Suplemento Literário de Minas* vem fecundando a cena literária brasileira como nenhum outro o fez. Durante décadas, suas páginas, como um oceano, se abriram para os autores canônicos da nossa literatura, escritores em progresso e, também, novos talentos. Tive a sorte de publicar meus primeiros contos nesse suplemento único, onde hoje continuam a vingar novos brotos em meio às suas raízes históricas.

## JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

A permanência do *Suplemento Literário* entre nós nos últimos quarenta e cinco anos merece louvores e celebrações. Por ele passaram escritores de várias nacionalidades, artistas plásticos hoje renomados e diretores de peso como seu criador, Murilo Rubião. Avesso a limitações e restrições de ordem estética, o *Suplemento* se impõe até hoje como um das publicações mais pluralistas e generosas do país. Que as novas gerações consigam manter viva a utopia das letras e artes nacionais, numa época em que cada vez mais a cultura cede lugar à barbárie.

## ENEIDA MARIA DE SOUZA

O *Suplemento Literário de Minas Gerais* é talvez o último sopro que nos resta de inteligência e cultura, e pesquisa e busca de valores, e confirmação dos verdadeiros valores. Tão bom abri-lo e descobrir ou re-descobrir autores que fizeram parte de nossa vida ou que ainda fazem parte de nós, de nossa alma, e que andam esquecidos, omitidos, olvidados. O *Suplemento* é e a renovação constante, a busca, a colocação em pauta, a recuperação sempre presente de valores que nos fazem sentir melhor e continuar a lutar, a escrever, compor, pintar, fazer filmes e tudo o mais.

## IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

No ainda *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em meados dos anos de 1970, publiquei alguns dos meus primeiros contos, sob a chancela e generosidade do seu então diretor, doutor Wilson Castelo Branco, ao qual fui apresentado por Adão Ventura. Vejo o SL, que foi criado pelo querido amigo Murilo Rubião, como um dos principais órgãos de divulgação da literatura brasileira. Com um detalhe: é um dos poucos que, desde o seu surgimento, tem aberto a porta a novos escritores, como uma forma de incentivo, de acreditar em quem está surgindo e dar uma oportunidade. É com muita alegria que vejo o *Suplemento* chegar aos seus 45 anos, jovem e renovado, sempre atento às novidades literárias de Minas e do país. Meus parabéns, na certeza de que ainda vamos lê-lo, e dele participar, por muitos e muito anos.

## CARLOS HERCULANO LOPES

O *Suplemento* foi importante para mim sobretudo nos anos 70, quando participei ativamente como colaborador do mesmo. Também a leitura do *Suplemento* nessa época me trouxe bastante informação.

## SÉRGIO SANT'ANNA

45 anos de *Suplemento Literário*. Parece que foi ontem. Aquela turba toda, enfurecida, em que me incluo. Sérgio Sant'Anna comandando a massa, sempre: naquele tempo éramos todos novos. Ver o livro de Viviane Monteiro Maroca que conta tudo em *Nos rastros dos novos escritores*. Com a minha modestíssima colaboração. Não tenho palavras (tenho sim). Depondo sempre.

Afinal, isso é depoimento ou poesia?

## LUIS GONZAGA VIEIRA

O *Suplemento Literário de MG* é uma de nossas mais preciosas relíquias. Sua existência (e resistência diante do tempo) tem garantido a Minas

um lugar especialíssimo no cenário das letras brasileiras ao longo das últimas quatro décadas. Nas suas páginas impressas (e agora também digitais) vejo inscrita a memória viva da literatura de diversos tempos e lugares. E ao se abrir também aos múltiplos diálogos com outras artes e expressões culturais, o jornal vem potencializando, a cada número, a sua atualidade. Tenho uma relação muito grata e afetiva com o *Suplemento*, pois foi através dele que meus primeiros textos literários começaram a circular em Minas e outros estados. Isso, quando eu era ainda uma estudante de Letras e me preparava para estrear em livro. Ao longo dos anos, pude aprender muito com o que li em suas sucessivas edições: descobri autores e mestres, me encantei com poemas e contos, me surpreendi com ensaios instigantes sobre vários temas. Hoje, depois de ter colaborado de diferentes formas no SLMG, digo que é um jornal que faz parte de minha vida de leitora e escritora. Por isso e por outras coisas, cumprimento o jornal e toda sua excelente equipe por mais este aniversário, com desejos de que continuemos a celebrar cada ano dessa existência, por muito, muito tempo ainda.

## MARIA ESTHER MACIEL

Em 1977, sem conhecer ninguém da casa, sem ter colaborado antes e sem ser chamado, mandei para a redação do SLMG um artigo sobre Osman Lins, que ainda era vivo. Um pernambucano analisado por um paulista? Será que o pessoal de MG aceita? Não só aceitou como a dose se repetiu muitas vezes, no meu caso e no de tantos escritores brasileiros, de toda parte. É gratificante colaborar há tanto tempo num suplemento que sabe respeitar a tradição como matéria viva, sempre atento à renovação e à modernidade, que valoriza a prata da casa mas está sempre aberto à literatura de todo o país.

## CARLOS FELIPE MOISÉS

As lembranças que tenho do *Suplemento* são as melhores possíveis, a começar pelo ano de 1967, quando publiquei nele meu primeiro poema. Aprovado por Murilo Rubião e Laís Corrêa de Araújo – ou não seria publicado –, era o empurrão necessário para que o iniciante criasse coragem e passasse a ter confiança no seu trabalho.

A partir daí, e durante a primeira fase do SL, conheci toda a turma nova de escritores mineiros, além de músicos, pintores e cineastas, e todas as tardes passava por lá para conversar e conhecer gente nova de toda parte. O *Suplemento* era a referência cultural. Ali também conheci os mais velhos, consagrados ou não, porque ali também era o seu lugar.

Na década de 1980 fui, durante dois anos, diagramador do SL, numa dobradinha com Jaime Prado Gouvêa na edição semanal. Ainda eram os tempos da prancheta, da régua T e do esquadro. Entre as duas épocas, continuei colaborando sempre que possível, e sempre que tinha alguma

coisa escrita. Mas chegou o dia em que deixei de ser poeta para ser ficcionista, até deixar de ser ficcionista para ser apenas cronista e editor. Que outros levem essa bandeira montanha acima.

## SEBASTIÃO NUNES

Eu me criei no *Suplemento Literário*. Era uma emoção quando o jornal chegava em minha casa, em Ouro Preto, em um tempo em que o único contato que eu tinha com o mundo literário era através dos livros. É um tapete mágico que propicia o encontro com autores contemporâneos, com muita vontade de ousar novas formas e possibilidades. É esse movimento que alimenta a literatura. O *Suplemento Literário* é, sem dúvida, uma das maiores preciosidades que temos em Minas, comparável aos monumentos e riquezas minerais. É preciso guardá-lo, preservá-lo, fruindo e participando dele, ao mesmo tempo.

## GUIOMAR DE GRAMMONT

Minha descoberta do *Suplemento Literário de Minas Gerais* coincidiu com minhas primeiras aventuras exploratórias como leitora, fora dos roteiros da casa e da escola. Nele fui encontrar, gratuitamente (o que não é banal), uma grande variedade de textos (ensaios, poemas, contos, resenhas, entrevistas, traduções), de autores consagrados e estreadores, um espaço aberto ao convívio da criação e da crítica, de várias artes e discursos. Mesmo hoje, quando o conteúdo completo de suas edições encontra-se disponível na Internet, não me desfaço de alguns dos seus números antigos, que me acompanham há vários anos. Longa vida ao *Suplemento*, e que ele mantenha sempre o ecletismo e a abertura que o caracterizam desde o início.

## ANA MARTINS MARQUES

No início da década de 1980, fiz meus primeiros contatos literários com os autores reunidos em torno do Folheto Abre Alas, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Um dos legados mais importantes dessa minha fase de formação foi, sem dúvida, a ‘descoberta’ do SLMG. Àquela altura, a história já feita do *Suplemento* credenciava-o a ser um canal de diálogo entre diferentes gerações de artistas. De modo específico, nos instantes em que o *Suplemento* se dedicou a debater as tensões e as contradições que animam a literatura, dentro e fora do país, demonstrou que ela só se afirma como tal quando isenta de qualquer mecanismo de tutela. Em nome dessa conquista, é lícito esperar que a história a ser feita do SLMG continue a contemplar o diálogo como uma das formas privilegiadas de se vivenciar a literatura.

## EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

## 45 VEZES TANTOS QUANTOS

Dizem que, para cães, cada ano é igual a sete – ao contrário de para gente, em que cada é igual a cada. De um periódico literário, qual seria a conta certa?

Se idade é o que amarra as duas pontas da existência: quando, em 66, Murilo Rubião fundava o *Suplemento literário*, atava a sua ponta (um 1916 em que a Independência nem era centenária, a República, uma dama nos seus 27), com a daquela rapaziada (a dama já uma vilipendiada senhora de 77). Dos tempos heroicos, uns permanecem (Rui Mourão estava num dos últimos números), outros, nascidos depois, esticam a ponta de cá, todos traçando as linhas que se inscrevem e se...

Mais: como a ideia de *literário* do *Suplemento* sempre incluiu ensaios, então é que as pontas do tempo mais se alongam dos dois lados. E (proeza de ex-mágico!): tempo e espaço multiplicam-se no branco da página, que acolhe o que aqui e alhures (bem) se vê, se diz, se imagina, se pensa, se desenha, se lê e escreve.

É provável que, para os cães, um seja igual a sete porque são eles filósofos e aprendem mais a cada. No caso do *Suplemento*, talvez 45 se iguale a tantas vezes quantos, porque o *poiético* é muitos – e o homem, em resumo: um animal *literário*.

## JACYNTHO LINS BRANDÃO

Nenhum escritor se esquece do espaço onde primeiro publicou. Lembro-me da alegria de ver um conto meu, algo que pertencia apenas a mim, escritor iniciante, ganhar asas no *Suplemento Literário* e voar rumo a olhos alheios. Senti orgulho também. O *Suplemento* era a casa do Murilo Rubião e tantos outros grandes autores. Havia, ainda, o gesto democrático. O *Suplemento* era – e continua a ser – aberto a todos. Revela gente nova, oferece a quem chega a alegria e o orgulho da primeira vez. Que venham novos 45 anos para o *Suplemento Literário*.

## LUÍS GIFFONI

O *Suplemento Literário de Minas Gerais*, fundado sob o título de *Suplemento Literário do Minas Gerais*, representou o mais significativo meio de divulgação do que se fazia no Brasil, nos anos 60, em poesia, no conto, na ilustração, em seguida ao tempo em que fora criado e dirigido por Murilo Rubião. Eu, particularmente, pude ver com orgulho e alegria meus poemas destacados em suas páginas, sendo considerado um poeta que surgiu na denominada “geração Suplemento”. Naquele tempo, fui lançado como aspirante e agora venho de me ver promovido como veterano, em *Suplemento Especial*, elaborado com generosidade pelos amigos Jaime Prado Gouvêa e Fabrício Marques. Por meio do *Suplemento* eu seria, fui e sou, como poeta.

## LIBÉRIO NEVES

Inexorável, o tempo é inclemente. Jovem, quase meninos, ávidos leitores, tínhamos nossas horas de leitura levados pelas amizades literárias. Escrevíamos contos, poemas, crônicas. Murilo Rubião fez a primeira seleção para leitores do *Suplemento Literário*: José Márcio Penido, Humberto Werneck, Marcio Sampáio, eu e alguns outros.

De toda história do SL lembro-me das conversas longas e proveitosas. Havia Emílio Moura e seu cigarrinho de palha, mestre Aires da Mata Machado, e seu indefectível chapéu panamá, Bueno de Rivera e seu guia, isso sem contar os amigos esporádicos, como: Vinicius de Moraes, Tzeta Todorov, Elizabeth Bishop e Roland Barthes que brilharam aos nossos olhos.

Procuro remediar a saudade antiga na convivência de Jaime Prado Gouvêa e a admiração pelo José Bento Teixeira de Sales.

## CARLOS ROBERTO PELLEGRINO

Para quem nasceu e criou-se em Minas e foi aspirante à literatura ou leitor teimoso, o contato com o SL era incontornável. Foi assim comigo no início da década de 80. Lembro-me de folhear o tabloide deliciado e sonhar um dia ser publicado ali. Deparei-me com a literatura de Oswaldo França Junior, que me comovia a ponto de me encorajar a meter os dedos na máquina de escrever, objeto hoje extinto. A publicação também trazia a fatura antiga, de escritores já consolidados e vetustos, muitos já mortos mas aos quais o SL prestava as devidas vênias. Foi uma descoberta porque nada se assemelhava no Brasil e, além disso, era feito a dez minutos de caminhada do meu quarto à rua da Floresta, bem próximo ao Viaduto de Santa Teresa, onde mais de uma geração de escritores se arriscavam em seus arcos e onde me arrisquei também. Se não poderia lhes repetir na escrita, ao menos nos gestos eu o fazia. Agora, como jurado de concurso literário do SL para os estreantes, tenho a chance de experimentar uma colher, dessas pequenas mas saborosas, de pertencer ao *Suplemento Literário* que eu conheci há mais de 20 anos.

## ANDRÉ NIGRI

Murilo Rubião reinava sobre tudo e todos. Juntou uma turma dos meus melhores amigos para fazer o *Suplemento Literário*, obra ousada para os tempos do regime militar. Todos os sábados ele circulava, junto ao órgão oficial do governo, com o sumo em poesia, contos e ensaios. Tudo ilustrado pelos nossos melhores artistas. Entusiasmo, criação e juventude brotavam daquelas paredes do prédio da avenida Augusto de Lima com Espírito Santo. Bebíamos muita cultura e também cerveja, após o expediente, no Saloon, onde as conversas nos conduziam aos melhores sonhos literários, musicais, amorosos e políticos. Tínhamos certeza de que estávamos transformando, inventando o mundo.

## FERNANDO BRANT

# NADA MÁS QUEM SOBRE

FRANCISCO  
ALVIM  
CONVERSA COM  
JOÃO POMBO BARILE

Poucas entrevistas me deram tanta alegria de fazer como esta que o leitor vai ler a seguir com o poeta Francisco Alvim. E poucas também, é verdade, demorei tanto para finalizar.

A história vem de longe. Desde que conheci Chico pessoalmente, em 2009 em São João Del Rei, já vinha ensaiando a jogada. Feita de maneira lenta, sem a pressa que rege os cadernos de literatura sempre atrás do tal gancho, ela demoraria quase dois anos para ficar pronta. Mas tudo bem: publicada neste número que comemora os 45 anos do Suplemento, ela não poderia vir em melhor hora.

Para alguns críticos, a obra de Alvim é comparada à poesia de Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Drummond. Desbravador da fala brasileira, seus poemas recriam a coloquialidade da nossa fala sem perder, nunca, uma forte tensão lírica. Quem já ouviu o próprio poeta lendo seus poemas sabe do que estou falando.

Prestes a lançar um novo livro pela editora Companhia das Letras, “O metro nenhum”, que deve chegar às livrarias brasileiras em agosto, Chico conversou com exclusividade com o Suplemento. Curtindo uma justa aposentadoria, depois de décadas trabalhando como embaixador brasileiro em diversas partes do planeta, na entrevista ele falou, entre outros assuntos, de sua infância, da figura do pai, da adolescência em Belo Horizonte e dos autores que o influenciaram.

**Você nasceu em Araxá, mas saiu de lá com apenas dois anos de idade. Já nos anos 40, foi morar no Rio: Leblon, Laranjeiras, Copacabana... Poderia falar um pouco desse período? Que lembrança tem desses primeiros anos?**

Não guardo nenhuma lembrança de meus dois primeiros anos em minha cidade natal. Minha existência, enquanto memória, começa mesmo no Rio de Janeiro. O que não quer dizer que Araxá não tenha sido uma presença forte em minha vida. Presença vicária, através das memórias de meu pai, Fausto, e minha mãe, Mercêdes, que lá foram muito felizes. Meu pai foi prefeito de Araxá por dez anos. Chegou em 1930, com a Revolução, e partiu para o Rio em 1940. Tinha cerca de 30 anos quando chegou. Minha mãe um pouco menos. Foi uma época solar para ambos. E que ressoava o tempo todo junto aos filhos, nos relatos extremamente vivos, de um grande vigor de linguagem e imaginação, que fizeram dela durante toda as suas vidas. Nomes, lugares, pessoas, episódios, paisagens: é como se eu tivesse vivido lá por meio deles, não os dois primeiros anos, mas toda uma década de vida gloriosa e adulta, a década dos trinta – o meio dia da existência deles; a década dos trinta, a década de Dante – só que os dois não se encontravam perdidos e exilados como o magno poeta, mas bem encontrados.

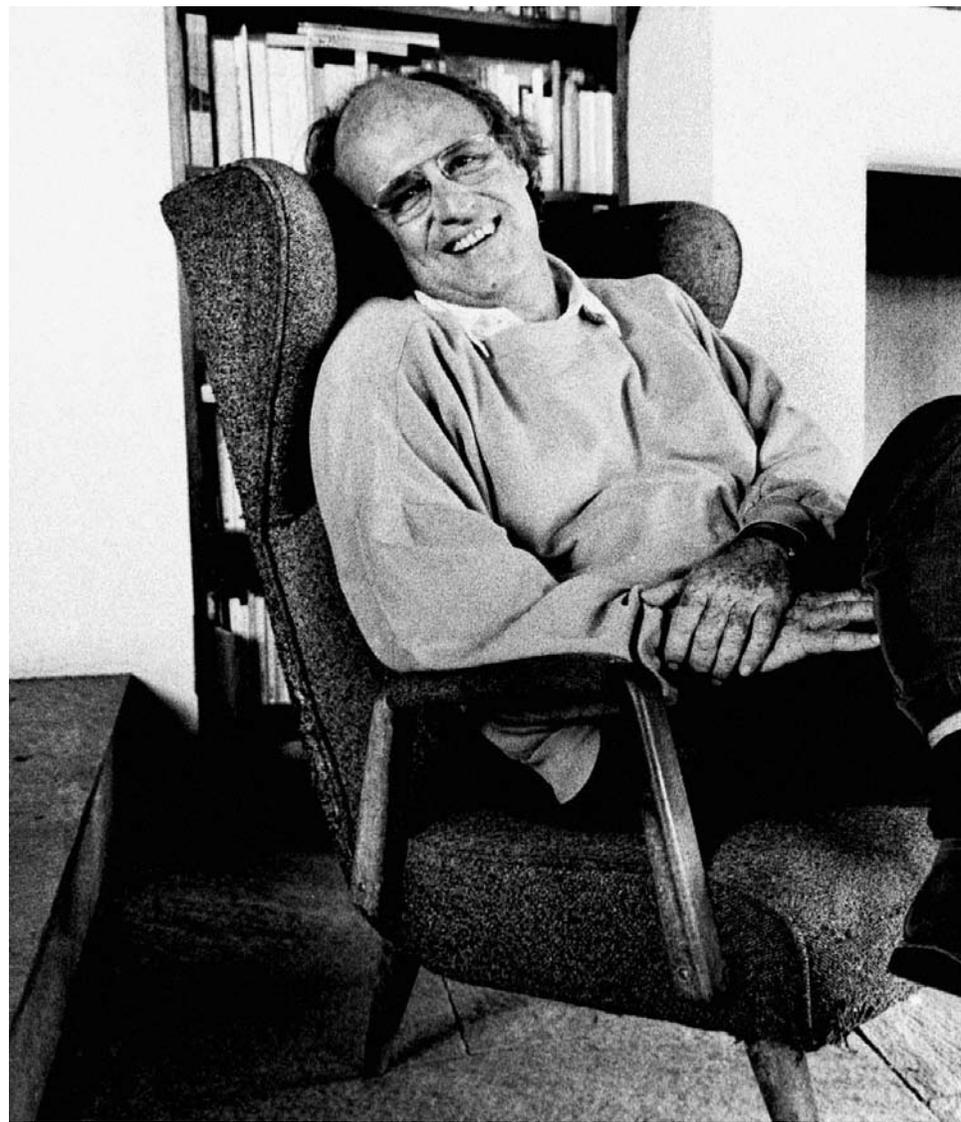
Prestes a viver um longo tempo de vida de intensa felicidade. Os relatos de um e outro deram à família um substrato permanente de alegria e força nos altos e baixos de nossa existência familiar.

Já o Rio, ah, o Rio. Mar e banheiro. Trago os dois associados às minhas primeiras recordações. Teria meus três anos? Moramos numa casa no bairro do Leblon. O mar daquele cantinho que inicia a Niemeyer tinha a cor dos azulejos que revestiam a parede do banheiro de nossa casa: verde musgo escuro. A luminosidade de um e de outro também era a mesma, salina, úmida, cheia de sombras. Lembro-me do mar em dias de chuva. A cor mudava. Parecia aquela pedra semipreciosa de que não me lembro o nome, com os veios de um branco granulado, seco e áspero e um azul anil, às vezes verde, lavado. Mar duro, de pedra. Depois passamos para um apartamento num prédio de três, quatro andares do Rio daqueles anos, início da década de quarenta, numa rua perpendicular ao Palácio Guanabara. Era a residência do Getúlio. Lembro-me de um episódio, muito vivo na minha memória e que a família também guardou, de ter, de uma feita, em companhia de minha babá, solicitado uma entrevista ao ditador a um guarda ou militar de uma guarita que ficava em frente.

O apartamento não seria grande, mas para mim era imenso: me lembro de meu pai me erguendo numa caixa de papelão, fingindo um avião, brincando comigo numa carreira através de salas e quartos. Depois veio uma casa na rua das Laranjeiras que lá está até hoje, servindo de restaurante, de estilo normando, entre General Glicério e Águas Férreas. Finalmente Copacabana, no quinto andar do prédio Carangola, na esquina de Constante Ramos com Domingos Ferreira, que também lá está até hoje. Ali moramos até meus sete, oito anos, quando nos mudamos para BH.

Muita praia. Aprendi a nadar sozinho. Andava muito solto. Três lembranças. Meu pai me levando para visitar o Marechal Rondon, (“Meu filho, vou levar você para conhecer um herói brasileiro... Morrer, se preciso for... Matar nunca...”) que morava num prédio defronte – um velho índio, escuro, cor de bronze, numa cadeira de balanço, num aposento iluminado com aquela luz amarela que vinha da lâmpada única do teto, tão comum no Rio daqueles tempos e que sobrevive até hoje nos apartamentos mais antigos. Luz amarela e soalho de tacos. A luz e os tacos da classe média carioca. O Brigadeiro fazendo uma visita a meu pai, já rompido com o Getúlio, na nossa casa. No dia das eleições do país redemocratizado, em frente ao prédio, eu administrando uma banquinha de cédulas para votação – como se fossem figurinhas, daquelas que se vendiam nas bancas de jornal nuns pacotinhos para completar um álbum. Porque essas lembranças e não outras?

**Em 1947, com a queda de Getúlio Vargas, seu pai, que assinou o Manifesto dos Mineiros, participa do governo do Milton Campos. E você, então, junto com sua família vem para Minas. E mora, de 1947 a 53, em Belo Horizonte. Que lembrança tem da BH dessa época? Quem eram seus amigos? As primeiras leituras se deram aqui? Quais? Você volta a Belo Horizonte ou, como Drummond, não se interessa pela capital? Tem alguma ligação afetiva com BH?**



Morávamos em Lourdes. Rua Rio Grande do Sul, no quarteirão abaixo do estádio do Atlético, de que me tornei logo sócio infantil e torcedor aguerrido. Zé Mario, Silvio, Perereca, Chico, Fernando, Paulinho eram os amigos da rua e de alhures. Depois dos jogos, a rua ficava colhida de mamuchas – o povo apreciava chupar laranjas, descascadas numa engenhoca que as pelava em tirinhas espiraladas muito finas. As mamuchas serviam de munição para nós guerreamos. O que também podia ser feito com as mamonas dos terrenos vagos, que pontilhavam as adjacências.

Nosso bairro praticamente terminava no Grupo Escolar Pandiá Calógeras e a cidade só recomeçava lá pelos lados do Colégio Loyola. Havia um imenso território livre atravessado de picadas para ser explorado, coberto de mato ralo, moitas de mamona e barrancos onde íamos colher escorpiões para vê-los “se suicidar” em meio a pequenos círculos de fogo. Quanto às leituras, gibis, o Winnetou de Karl May, Monteiro Lobato e o Tesouro da Juventude.

Seria muito complicado dizer mais de Belo Horizonte. Teria que penetrar em águas profundas. Basta dizer que foi lá que senti o meu olhar no espelho, me reconhecendo pela primeira vez. Os dois lados da face, o solar e o noturno, são os mesmos deste meu rosto de agora.

Mas gostaria de acrescentar que nas últimas vezes em que estive em BH incorporei uma nova paisagem: gostei demais de caminhar pela Savassi, por sua bela paisagem de prédios altos e montanha.

**Quería entender um pouco os poetas e escritores que te formaram. Você numa entrevista que deu certa vez disse: “Cada vez volto mais a Baudelaire, tanto ao poeta, quanto ao crítico, como também à própria figura, que acho**



Divulgação/Cosac Naify

**extraordinária”. Sei, também, que você é um apaixonado pela literatura do século 19. Pelo romance do século 19. Você, inclusive, já relacionou sua poesia com esse tipo de narração do século 19. Poderia falar um pouco mais disso? Das suas grandes influências?**

A maior influência é aquela mais evidente, a dos modernistas. Pouco a pouco fui recolhendo neles, no modo de ver deles, na percepção deles, aquilo que, sem muita consciência disso, me interessava, afim de, se possível, atualizá-la, situá-la no meu próprio tempo e vivências. Auden observou uma coisa óbvia: que se há uma vantagem que nós escritores podemos ter em relação aos que nos antecederam será a de que eles não viveram o nosso tempo. Foi um trabalho de escolha, de sintonia de afinidades, de aprendizado, já que o universo modernista é amplo e abre muitos caminhos. Dentro desse universo, o que foi que mais me motivou? Acho que o valor da experiência pessoal (não necessariamente a própria), o vínculo com a realidade de suas vidas, do país e do tempo em que viveram, e que neles se torna a matéria principal da poesia. Experiência que eu sentia que me punha no mundo; a partir da qual, de certo modo, eu começava, não apenas como artista, mas como pessoa. E também me motivava o êxito deles na elaboração de uma linguagem capaz de construir a expressão desse ser histórico, simultâneo, que arma uma continuidade em nós, pois que sendo o mesmo é sempre outro. Acho que nunca provei um sentimento de ruptura com essa raiz e nisso contrariei o tal desejo freudiano de eliminar o pai, o qual se for mesmo um imperativo de nossa condição, existe em mim de modo muito sonso e dissimulado. Mesmo porque o meu pai era um gigante...

A construção de uma expressão... Isso significa que a poesia emite signos, que ela significa e que, para mim, está associada, mais do que

associada, materializada em uma vivência que se historiciza. Nesse sentido a poesia para mim tem uma clara utilidade, servindo muito bem a todos nós. O que não impede, como ente contraditório que é, produto de paradoxos, de querer escapar da história para atingir o que talvez seja uma de suas aspirações máximas: uma linguagem adâmica, que nasça e morra a cada poema, assim como a voz que sai de nós a cada instante. Que nasce e morre a cada instante. Nada mais que um sopro. Um sentido agudo de perecimento e renascimento. Nesse plano, a poesia seria o instante enquanto fala.

Reconheço, contudo, que mexer com a nossa experiência, com a experiência pessoal de cada um de nós, nos dias de hoje, acreditar nela, não é tarefa simples. É difícil encontrar sentido numa experiência que parece afastada de qualquer possibilidade de completude, sempre subjugada e rebaixada por níveis superpostos de domínio e banalidade.

Para mim, tudo isso tem a ver com a literatura do século XIX. Li bastante a prosa dos autores daquele século, a estrangeira e a nossa, desde muito jovem – leitura que precedeu à dos modernistas. A poesia em outras línguas veio mais tarde, eu já mais amadurecido. De fato, Baudelaire é de quem mais gosto. Há nele um sentimento de opostos. Um extremo vigor, até mesmo um imenso viço, no relato de uma experiência que é, na essência, de um mundo sombrio, degradado. E vale como corretivo do nosso sol modernista. Baudelaire permite entender melhor o mundo que viria depois e equilibrar o sentimento de euforia e entusiasmo que talvez tenha sido o melhor legado das vanguardas artísticas do início do século XX.

Acho que o que disse acima a propósito dos modernistas tem tudo a ver com essa literatura realista do século XIX e com a influência que ela exerceu sobre mim. Acredito sim que o componente narrativo, o jogo psicológico embora diferenciado e bastante distanciado dos daqueles autores, com o recurso que utilizo das elipses e o consequente atenuamento dos entrecos, que armam em boa parte o ritmo de meu verso, venham de lá.

**Querida que você falasse um pouco da figura do seu pai. Ele era um grande contador de histórias. Você já disse que ele tinha uma grande imaginação e que ele era um homem de grande vigor intelectual. “Não um intelectual puro, pois era mais um homem de ação”. Um homem muito bravo (me parece). Graças à influência de uma de suas irmãs, a Maria Lúcia, ele acabou identificando e pondo à tona uma sensibilidade artística. Passou a fazer imagens, trabalhar em madeira. Fez coisas lindas. Poderia falar um pouco da sua figura? Ele foi determinante, em algum aspecto, em sua obra?**

Para mim – e não sou nada original nisso, pois também para um número incontável de filhos em relação à figura paterna – meu pai tem a dimensão do assombro. As vezes gosto, como agora, de buscá-lo nas dimensões do mito. Ulisses, pelo engenho, Aquiles, pela coragem e força física, Homero pela potência do relato épico-lírico ininterrupto, não me lembro dele calado. Punha fogo na minha imaginação e, eu sentia, na dos manos e na de quem estivesse a sua volta.

Nos anos quarenta, eu bem criancinha, cruzava as pernas, simulava com uma delas um cavalinho, me punha em cima e ia me contando as

proezas de um tal de capitão Chico. A andadura acompanhava o ritmo manso e balanceado da narrativa, ou então espinoteado nos momentos cruciais da hora da onça. Ainda em Laranjeiras, me presenteava com umas cartolinas com os uniformes históricos do exército brasileiro. Eu recortava e vestia as figuras de soldado que também vinham impressas na cartolina e com elas formava regimentos. Também ganhei dele no período um espadim de latão e um uniforme militar branco, muito vistoso, que suponho fosse o do Colégio Militar, com o qual desfilava no quintal de nossa casa. À época, ou um pouco depois, ouvia dele o comentário, que certamente fazia pensando em mim – de que o país caminhava para uma ditadura militar e que precisávamos de um general na família. Com realismo e ironia, queria tomar suas precauções... A ditadura chegou finalmente com o golpe de 64, como previa; mas o general gorou.

É preciso lembrar que meu pai vivenciou, como rapaz, o clima dos anos vinte com seus levantes militares. O poder que o fez prefeito de Araxá foi o da Revolução de 30. Participou da de 32.

A redemocratização vai encontrá-lo já mudado, mais adequado aos novos rumos de um país institucionalizado. A fase revolucionária com seus ingredientes militares, de que cheguei a sentir os efeitos pedagógicos, fica definitivamente para trás. Assume a sua identidade civil, que em realidade sempre foi a sua e passa a viver sua vida de homem público dentro da Administração.

Se está presente no que faço? Por certo, de diferentes modos. A começar pelo título de um livro meu – Elefante. A cabeça do elefante sempre me fez pensar na de meu pai. Acho que se parecem muito. E quando leio o texto magistral de Brecht sobre a fera, sinto que tal semelhança se acentua.

Sempre senti a inteligência, a sensibilidade de meu pai, a sua imaginação, como as de um artista. Esperou os cinquenta anos para assenhorear-se dessa condição, graças à percepção de sua filha Maria Lúcia, poeta e artista plástica, que a pôs a descoberto graças à certeza de que tinha ao alcance dela um tesouro escondido. Foi Maria Lúcia que trouxe à luz o toreuta que nosso pai trazia dentro de si. Guardo mais de uma centena de suas imagens em madeira, inúmeras de uma extrema beleza. Graças a Conceição Piló, realizou-se no Museu de Arte da Pampulha, nos anos oitenta, uma belíssima exposição de suas peças e duas outras em Brasília. Lélia Coelho Frota e Clarival do Prado Valadares têm textos sobre sua obra. É uma lástima que permaneça longe do conhecimento público. Gostaria de doar, se meus filhos e os de meus dois irmãos falecidos, e minha irmã concordassem com isso, parte das peças que estão sob minha guarda para museus ou instituições que por elas se interessem.

**Agora queria que você falasse um pouco das figuras de suas duas irmãs. Você já me disse da importância delas na sua formação. Poderia contar um pouco dessa história?**

Maria Ângela, a mais velha dos irmãos, foi um grande poeta. Morreu muito jovem e sua morte nos afetou a todos, profundamente. Foi ela quem certamente despertou os quatro irmãos para a poesia. Passamos a

escrever poemas pela influência que, de um modo ou de outro, cada um de nós, direta ou indiretamente, dela recebeu. No meu caso, essa influência se exerceu de maneira bastante direta: me fez ler na adolescência os primeiros poetas – Jorge de Lima, Cecília, Drummond, Murilo, Bandeira; Baudelaire no volume de traduções de Guilherme de Almeida, Flores das flores do mal. O mais importante; sentia que gostava de ler o que eu escrevia, me estimulava a escrever. Ângela abriu-me o círculo de amigos que iam visitá-la em nossa casa: Alexandre Eulalio, Ismael Cardim, Carlos Sussekind... Meu primeiro poema publicado – nas páginas do Correio da Manhã – foi por iniciativa dela. Com Maria Lúcia, – dada a diferença de idade menor – 6, 7 anos, enquanto com Ângela a diferença era de 11 anos, e ao falecimento prematuro desta, o convívio foi maior. Devo a ela, entre outras e muitas coisas, meu interesse pelas artes plásticas, sobretudo a pintura, que tem muito a ver com que escrevo.

**Você é, muitas vezes, colocado no escaninho (classificado, taxado) de um autor de poesia marginal. Mas já vi você afirmando, mais de uma vez, que aquela experiência mais direta com a poesia dos anos 70 durou poucos anos. Parece-me que uns quatro ou cinco anos no máximo. Qual foi o peso que esta poesia teve para sua obra?**

Um peso, uma importância consideráveis, que excedem em muito os poucos anos de convívio direto com aquele grupo de poetas no Rio de Janeiro dos anos setenta.

História que começa muito antes com a leitura que fiz da obra de Drummond, o primeiro contato em profundidade que tive com ela, por volta de 1959, quando a li na edição dos Poemas que a José Olympio publicou naquele ano, com capa de Aluizio Magalhães. Drummond mudou tudo. Numa direção que tem a ver com o que disse duas respostas atrás. Ele me revelou todo o sentido de nossa experiência, de nossas vivências, não importa que insignificantes, o vínculo entre poesia e vida. O conteúdo de verdade que toda a poesia traz em si e que não pode prescindir, a meu ver, do corpo a corpo com a vida – e com a linguagem, naturalmente. A consequência, no plano da escrita, foi a de que adotei um certo realismo e me desviei – não inteiramente, é verdade –, da poesia metafórica de um Jorge de Lima, da musicalidade de uma Cecília Meireles, que dominavam meu aprendizado – e que nem por isso deixaram de sempre me encantar.

Esse percurso continuou, agora já no plano da existência, na amizade firme, fraterna, de toda a vida, que tenho com Zuca Sardana, o poeta verdadeiramente extraordinário Carlos Felipe Saldanha. Longe ou perto – fomos ambos diplomatas – sempre estivemos juntos. Vivemos peripécias memoráveis no Rio dos anos sessenta, tendo como referências geográfica e espiritual, o Bar Alpino, na Av. Atlântica, próximo à pedra do Leme, que não existe mais, e o Restaurante Timpanas na Rua São José, no centro do Rio de Janeiro, que não sei se acende existe. Zuca, com seu humor sem paralelo, absolutamente genial, mergulhava a batéia no que íamos vivendo e retirava ouro puro de nossas experiências.

Na verdade, vivíamos em poesia, totalmente imersos em poesia; no estado que Manuel Bandeira já identificava em seu admirável “Itinerário de Pasárgada”. O melhor da festa é que tínhamos consciência disso.

Com essa bagagem, me dei logo conta do significado do que a tribo dos setenta aprontava, com Waly nas cabeceiras e o seu formidando “Me segura...”, Cacaso, com seu verso macio, perfurante – outro amigo sem igual, com quem privei infelizmente por pouco anos. Foi tão cedo, podia estar aí... Geraldo Carneiro, João Pádua, Roberto, Ana Cristina, outra que partiu cedo, tragicamente, Eudoro... E mais Helô Buarque, amiga de muito antes, de toda a vida. E mais a turma mais moça, Chacal, Charles e, já em Brasília, o caçula Nicola... Fico pensando como teria sido sem a companhia deles a travessia daquele Liso do Sussuarão dos anos setenta.

**Sua família sempre se manteve muito ligada à fazenda. Seu pai, morando na cidade exercendo cargos públicos no Rio ou Belo Horizonte, nunca deixou de ir à fazenda. A realidade de sua família sempre foi em torno daquelas fazendas. Esta dicotomia entre o rural e o urbano é importante para você?**

Meus maiores do lado paterno possuíram fazendas de café na mata mineira, no vale do Paraíba. Peguei as de meus avós, Pombal, Glória, Pontal, na fase de transição para a produção do leite. Passei muito tempo, muito tempo mesmo, da minha infância nelas. Brinquei muito na secagem do café nos terreiros de pedra e dentro das tulhas. Participei, encarapitado, quem sabe com meus 5, 6 anos, no alto de um carro de boi carregado de café, da última colheita do fruto no Pombal. Ao chegarmos à sede, abriram-se as esteiras e eu rolei, já bem adestrado pelo mar de Copacabana, com os grãos para a lavagem no primeiro tanque. Água lustral, que me banha até hoje. Depois veio a festa que fechou a colheita, com folias, muito foguetório e baile no curral. Esse o lado solar, o escuro, da lua, transcorria do lado de fora da casa da fazenda, no dia a dia da existência miserável dos colonos. Gente que dali algumas décadas deixaria para trás tudo aquilo, abrindo um enorme vazio naqueles espaços.

É curioso que, apesar do convívio intenso com aquela realidade rural, me dava conta de que eu não tinha nenhuma posse sobre a materialidade dela. Posse, aliás, de que, eu sentia obscuramente, também não desfrutava mais a geração de meu pai. Uma geração típica de herdeiros – verdadeiros fazendeiros do ar, na feliz expressão de Drummond, cujos vínculos que o trabalho aturado mantém com a terra tinham sido há muito rompidos, salvo na figura de meu tio Francisco e minha Tia Noême que mantiveram sua condição de fazendeiros, se bem que dentro de um contexto bem diverso da de seus pais. Nesse plano, a realidade da fazenda era inteiramente exterior, quase a de apenas um cenário. Faltava algo naquele tempo que o fizesse realmente meu, realmente nosso, da família, que lhe desse contorno, peso e medida, que lhe dotasse de uma memória real, não de um conjunto de simples lembranças, não importa que intensas. A memória direta, real, daquele lugar pertencia aos que efetivamente o trabalharam, a quem o lugar pertenceu durante toda a vida, e teria desaparecido com eles, não fora meu pai, cuja memória – sensível, imaginativa, porosa – de certo modo e numa certa medida, incorporara a outra e a fazia ressoar incessantemente em sua fala. Há muitos poemas meus que resultam de cortes dessa fala, sobretudo no livro *O corpo fora*.

## A M Ã O Q U E E S C R E V E

O tronco nu  
contorce e grita  
na flora oblíqua

O ar respira  
a dúbia aragem  
Na carne escura  
a dor que surde

Aqui agora  
tantos olhares  
presos no lírio  
do pelourinho

Látigo e nádega  
Um corpo cego  
emparedado  
na própria história

Ecoa vivo  
o meio-dia  
o ouro falso  
da vida falsa

Fezes e mijo  
Suor e sangue  
Carne tão nossa

A mão apócrifa

(Poema de *O metro nenhum*, a ser lançado em breve pela Companhia das Letras)

JOÃO POMBO BARILE  
paulista de Campinas, é jornalista e Diretor  
do SLMG.

# TRÊS MULHERES

CONTO DE LUÍS GIFFONI

---



Sebastião Miguel

**G**enifer acordava com a madrugada e, a cabeça apoiada na mão direita, aguardava com olhos de ternura, às vezes de lágrima, a manhã que lhe revelava o Teo. Ele surgia das sombras em toda a sua beleza, em sono de filhote, assim que a luz invadia o quarto através das telhas. Parecia levitar no lusco-fusco sobre o colchão de espuma: nudez de bebê no parto, respiração de menino, rosto de rapazinho. Em silêncio, ela o saboreava desde uma hora antes de cada dia inaugurar-se.

Oito anos mais velha, enxergava-o frágil, carente de cuidado, despreparado para a vida. Seu garoto ainda não tinha vinte anos, no peito trazia uma dúzia de pelos que, ao mesmo tempo, anunciavam o fim da infância e comprovavam estar longe da maturidade. Genifer torcia para aquelas mudinhas logo se tornarem um tapete sedoso, bom de acariciar, a descer pela barriga, a forrar o caminho até a felicidade. Gostava de homens peludos, ursos como os dois últimos companheiros, porém sem a brutalidade, a exploração e a traição deles. O Teo, ainda bem, não tinha vivido o bastante para aprender a maldade.

No olhar seguinte, ao percorrer o companheiro do umbigo para baixo, em brusca salvação ela o transformava em adulto, macho pronto para o amor, perfurador voraz de suas entranhas. Encantada com a musculatura polida no futebol e nos aparelhos que lhe dera de aniversário – dois meses de salário, em dez prestações, mas valera a pena cada hora de trabalho investido, tão feliz o Teo ficara, tanto malhava, tanta formosura adquiria –, admirava suas formas, o peito saliente, as ondulações

# GENIFER

da barriga sem gordura, rígida como batedor de carne, a grossura das pernas que a enlaçavam até perder o fôlego durante as travessuras que aprontava na cama. No meio do corpo, sobre o tufo cerrado igual palha de aço grossa e luzidia, repousava o mais sedento amante que jamais conhecera, ainda manchado pelos sucos embranquecidos do segundo gozo noturno.

Por impulso, Genifer avançava os dedos barriga abaixo qual aranha-zinha vadia e sedutora, cogitava uma vez mais despertar-lhe desejo, primeiro com a língua, de leve, depois com a mão, devagar a princípio, bem depressa em seguida, do jeito que ele pedia, pronto num minuto para satisfazê-la e satisfazer-se. Ela, entretanto, se refreava. Que seu anjo dormisse muito, descansasse bastante entre as nuvens do lençol, já a levava ao céu poucas horas antes, quase a enlouquecera de prazer. Que

ele usasse o dia para relaxar, fazer as coisas de sua preferência, a musculação, o futebol, a cervejinha com os companheiros no bar do Neco, enquanto discutiam quem tinha marcado o gol mais bonito da pelada, comesse a comidinha que ela lhe preparava com carinho e, bem alimentado, recuperasse a energia para as rodadas de amor à noite. Recolheu os dedos. Ela se conteria.

Sim, ela se conteria para mais tarde. Quando regressasse do trabalho, avançaria sobre o cordeirinho com apetite de leoa, abaixaria as calças dele com o furor reprimido em dez horas de distância, grudaria a fonte de sua paixão e a sugaria até que jorrasse ou então, perto do céu, louca para chegar lá, a colocaria entre as pernas, inteira, até o fundo, que o paraíso existe, existe sim, fica aqui mesmo, no barraco que ela construíra com muito esforço, tijolo por tijolo, e Deus a recompensara com um arcanjo que, no meio do corpo, aprendera todas as artimanhas do demo e de nenhuma se esquecia.

Cinco meses depois de abrigar Teo, Genifer ainda não acreditava que conquistara um homem tão novinho, bonito e feroso, de arrancar inveja nas mulheres do bairro inteiro, do beco do Salomão à avenida Perimetral. Valia a pena levantar cedo, dar o duro na casa dos outros, lavar, passar, limpar, cozinhar, esfregar, aturar desaforo e chique, a contar cada minuto que ainda a separavam do Teo.

Genifer levantou-se, vestiu-se às pressas, preocupada com o horário, mas, ao vê-lo levitando em desejo, de bruços, nádegas frouxas, braço caído ao lado da cama, indefeso, quase o atacou. Segurou-se uma vez mais. A prestação dos aparelhos de musculação venceria dali a três dias, junto com a conta de luz, mais que dobrada por causa de tanto uso da esteira. Recuperou a ternura e o olhar protetor, cobriu-o com o lençol, com cuidado deu três passos até o fogão, cozinhou o almoço em silêncio, sem perdê-lo de vista, deixou o bife pronto na frigideira tefal, o arroz e o feijão nas panelas de ferro, do jeito que ele gostava, saiu de casa de mansinho, com direito a uma derradeira espiadela pela fresta da porta, e correu para o ponto de ônibus, que o expressinho das seis e meia nunca se atrasava.

Espremida entre os passageiros, lembrou-se de que trazia um pouquinho dele dentro do corpo, e aquela companhia lhe ofereceria o vigor necessário para enfrentar o dia. Acarinhou barriga. O Teo queria um filho?

Às cinco da tarde, em correria, quase sufocada pelo nervosismo, Genifer deixou o trabalho, imaginando quão feliz o companheiro ficaria com a garrafa de uísque surrupiada no bar do patrão. Um litro inteiro, dourado, lacrado, suficiente para ele se divertir durante o fim de semana, ele, o Inacinho e o Deco, amigos mais chegados. Várias vezes alisou a bebida bem guardada na bolsa, antevendo a felicidade do amante. Seu anjo compensava o risco que corria. Havia tantas garrafas na adega, uma a mais, uma a menos, ninguém notaria. Ou não? Será, Deus-pai, que na segunda-feira, a acusariam de ladra? Ao descer do ônibus na avenida Perimetral, pôs o receio de lado, pensou no prazer que a aguardava, recuperou o apetite, apertou o passo.

Não encontrou o Teo em casa, nem tocara no almoço. No bar do Neco não havia aparecido. Inacinho e Deco, dois sacanas que nada denunciariam, juraram que não o tinham visto. Ruminou a solidão durante a novela das sete, a das oito, durante todo o filme de amor iniciado às dez. Então permitiu que o pressentimento aflorasse e se transformasse em realidade: o Teo batera asas. Ela sabia para onde, para quem. Mulher conhece de cor e salteado todas as manhas para seduzir homem, sobretudo quando ele mora com outra, o que dobra o sabor da conquista. Um sorrisinho aqui, um requebro ali, uma piscadela acolá. Mulher não presta, não presta mesmo. Quando cisma, caça até conseguir a vítima. Pressentimento nunca engana. Devia ter tomado providências antes da tragédia acontecer. Agora choraria o leite derramado. Sim, a bruaca da Carol roubara o Teo.



A Genifer anda por aí, puta da vida, dizendo desaforo e me ameaçando em cada esquina do bairro, ralhando que eu acabei com a vida dela e ela vai acabar com a minha, só porque eu levei o Teo para minha casa. Ele é adulto, foi de vontade própria, com as próprias pernas. Mas também pudera. Como um homem daqueles aceitou por tanto tempo o colo de uma mulher tão molambenta? Era coisa boa demais para uma bruxa com cabelo de louca, mais despencada que peito de vaca, diarista sem carteira assinada, sem salário nem socorro em caso de doença, ladra fichada, despedida de casa de família por causa de roubo de uísque, até a polícia deu batida no barraco dela, todo o mundo viu.

# CAROL

Homem gosta mesmo é de dinheiro, segurança e conforto, que mulher não sabe disso? Ainda mais o Teo, tão bonito e cobiçado, que qualquer uma dava a vida para ter na cama. Ele não merecia morar num cômodo só, menor que banheiro de apartamento popular, mais entulhado que ferro-velho, fazendo musculação em aparelhos de segunda mão. Pois eu comprei logo dois, novinhos, automáticos, top de linha, com regulação de peso, esteira com auto-stop e programa para corrida, subida e descida, montei para nós uma suíte com cama box, king size, chiquér-rima, carpete alto e cortina de cetim vermelho, um luxo, longe do quarto da Pâmela, minha filha, para evitar que ela, em idade de compreender as coisas, escutasse as explosões de prazer que vazariam pela porta. Só então fui atrás dele, prometendo a surpresa

mais maravilhosa se me visitasse. Ele, bobo igual passarinho atrás de alpiste, caiu direitinho na arapuca. Encantado com os mimos, se julgou grande conquistador. Na verdade, eu lhe propus um bom negócio. Perto dos quarenta, rejeitada por três homens maduros, a começar pelo pai de minha filha, já perdi toda a ilusão de ter de graça um rapaz de vinte.

— Tudo isso pode ser seu, Teo – eu disse.

— Quanto custa? – ele perguntou, maroto, sabendo muito bem o preço.

— Custa você ser feliz comigo, com segurança, conforto, boa comida, mais um dinheirinho garantido para gastar com os amigos no bar. Só no bar, viu? Exijo fidelidade. Em compensação, sou muito mais quente que a toca onde anda se metendo.

— Como eu posso saber que a sua toca é quente mesmo?

— Por que não experimenta?

Experimentou, gostou, gostei, pedi bis, meu instinto não falhou, ele me atendeu mais feroso ainda, realmente entendia da coisa. Homem é igual carro: a melhor marca é novo. Não deixei nem que ele pegasse a roupa no barraco da Genifer, fui logo para o shopping comprar calça, camisa e tênis Nike, sem me importar com o aperto no fim do mês, já que salário de servente escolar não é lá essa fortuna. O Teo valia o sacrifício. Voltou tão feliz que me deu uma réplica, e eu fiquei na certeza de que, se o mundo acabasse naquela hora, eu morreria radiante, esfolada por dentro depois de muito jejum, mas no auge. Abandonada por homens sem-vergonha, sozinha contra a vida, agora eu dava a volta por cima e tirava a sorte grande. O Teo também podia me abandonar, mas o prazer de ter comido o macho que eu queria e perseguia, esse prazer ninguém mais roubaria de mim. E se soubesse administrar a imaturidade do menino, eu ia garantir meu prazer por um bom tempo.

Se a Pâmela, minha filha, continuou minha grande paixão, ele ocupou o resto do meu coração. Deu lustro na vida embotada que eu levava, me mostrou que posso ser feliz. Por quanto tempo? Não importa. A gente não mede a felicidade pelo tempo, mas pela intensidade deste momento.

Na escola tem um ditado em cima da mesa da diretora: o preço da liberdade é a eterna vigilância. O preço de segurar um homem também. Prendi o Teo com presentes. Cocho cheio mantém o passarinho na gaiola, e na minha nunca ia faltar comida. Depois de amansar os apetites, tratei de cortar as asas aos poucos. Bar do Neco, só se eu puder ir junto. A má companhia do Inacinho e do Deco, maconheiros e beberões, só no sábado, quando o Teo ainda faz questão da feijoada do restaurante da Viola, aquela gorda feia inofensiva. Arrotando caipirinha, de bucho lotado, tudo que ele quer é dormir o resto da tarde no colchãozinho que adora para acordar de noitinha com a fome que eu sei muito bem matar. Futebol, só no domingo, até a hora do almoço. Depois, tem de jogar comigo na cama, até eu marcar pelo menos dois gols. Na segunda, retribuo com um pote de energético importado que custa uma fortuna, ou uma dose de testosterona do contrabando. Sempre saio ganhando.

A Genifer de repente ficou louca, lelezinha, me atacou na rua, grudou meu cabelo, deu murro, chutou e unhou. Eu voltava da escola, ela me esperava no ponto do ônibus.

- Você fudeu minha vida, sua velha bruaca – ela me agrediu sem dó nem piedade. Não gosto de desaforo. Dei o troco na mesma moeda:
- Fudi sim, mas foi com outra coisa sua, mais sacana, mais gosto...
- Filha da puta!
- Ladrona!
- Você vai pagar cada minuto do meu sofrimento, sua puta velha! Cada minuto! Cada segundo!
- O mundo é assim mesmo, uns ganham, outros perdem. Você perdeu. Você é velha, despencada, em fim de carreira e perdeu! Perdeu, perdeu, perdeu! Você perdeu, Genifer!
- Puta velha escrota!

Partiu para a luta, a custo as pessoas no ponto a seguraram. Fui embora a pedido delas, senão a confusão piorava. Confesso que fiquei com medo. A Genifer ficou louca de verdade. Vi nos olhos dela.

Nada comentei com o Teo. Só pedi que me acalmasse com um amor violento, de rasgar. Ele veio com tudo, mas depois falou de um tênis moderno, com amortecedor, que o Inacinho tinha comprado. Concordei, desde que ele me arrombasse de novo, na frente e atrás, mais voraz que nunca. Ele atendeu e, um pouco aliviada, levei o malandrinho para o shopping. O Teo estava ficando mal acostumado, mas ainda sabia me amansar.



Genifer comprou um revólver 32 para matar Carol, porém o medo adiou o uso até que as duas se enfrentaram no ponto de ônibus. Enquanto os passageiros a seguravam, ameaçando chamar a polícia, o ódio a fez decidir-se. Que se danasse a polícia, que se danasse o mundo, ela estava perdida mesmo.

**PÂMELA**

Encontraria a ocasião ideal para o crime, depois de estudar todo o trajeto da rival até a escola onde trabalhava. Ficaria na tocaia, miraria o coração, dispararia três vezes, uma para cada mês de tormento desde que o Teo fora roubado.

A lembrança do rapaz lhe ferveu o sangue, a vingança ficou pequena, nem as seis balas do tambor bastaram. Matar a Carol, assim tão rápido, era pouco. Morte simples não machuca. Entra no corpo e sai para o cemitério. Precisava de algo mais contundente, capaz de pelo menos empatar a dor da perda mais a acusação de perdedora. Perder

é uma coisa, provar que é perdedora é mil vezes pior. Carol fizera isso: mostrara-lhe, tintim por tintim, que chegara ao fim da linha, vaca despeitada, mulher sem vida. Mulher sem vida é mulher morta, e mulher morta não perde mais.

De madrugada, a matutar violência, a ruminar ódio, Genifer se lembrou de Pâmela. Ela se vingaria na filha, e o sofrimento perduraria a vida inteira da mãe. A bruaca penaria, em cada dia, a audácia de mexer com quem estava quieta no seu cantinho, gozando daquela felicidade que todo mundo sabe quanto é difícil encontrar. Nem amar o Teo a bandida amava. Era metida, orgulhosa, caga-regra demais para se entregar a um homem pelo que ele é, sem exigir mais que amor. Os presentes que a praga lhe dava, mais caros do que o salarinho de servente permitia, a ponto de até o Neco comentar as exorbitâncias com os fregueses, provavam que ela o prendia com corrente de ouro.

Pâmela saía para a escola ao meio dia e meia, atravessava o parque municipal sozinha, desligada da vida, decerto pensando em namoradinho, igual a toda adolescente boba. Tanto melhor para a vingança. No dia de matar a menina, ela sumiria por uma hora do trabalho, aguardaria atrás de um dos eucaliptos maiores, apareceria apenas no momento de atirar, voltaria bem depressa para o serviço, mais inocente que passarinho. Em vez de um, faria três disparos. Seria mais seguro. Talvez devesse descarregar o revólver. Melhor ainda. Embora muito barulho atraísse testemunha, seis balas não deixariam margem para erro e acusação de tentativa de assassinato, o que é horrível. Para alguém com passagem pela polícia, simples tentativa de assassinato, mesmo por vingança justa, virava crime hediondo e condenação certa. Sim, melhor não arriscar. Bala custa barato. Advogado custa fortuna.

Genifer surpreendeu Pâmela a caminho da aula. A garota usava tênis, minissaia e a camiseta do uniforme, pintara os lábios e os cabelos em tom cobreado, levava a mochila às costas. Ao ver a arma, estacou, horrorizada.

— Não me mata não, Genifer, eu nunca te fiz nada. Mamãe que fez. As palavras inflamaram Genifer. Matar era realmente pouco.

Precisava de algo mais contundente. A solução ocorreu-lhe num estalo: em vez do coração, acertaria os joelhos. Isso, os joelhos. Pâmela nunca mais caminharía normalmente e, a cada passo manco da filha, durante a vida inteira, Carol sofreria e se arrependeria do roubo do Teo.

Genifer mirou uma rótula, disparou, acompanhou a queda de Pâmela, aproximou-se, fulminou o outro joelho. Sacou o celular, chamou a polícia, pediu socorro. Por minutos, sentiu prazer nos ferimentos e no pavor da adolescente ante a possibilidade de morrer. Ao ouvir a sirene, atirou contra a própria cabeça, de baixo para cima, o cano encostado sob o queixo.

**LUÍS GIFFONI**

autor dos romances *Adágio para o Silêncio* e *A Verdade tem Olhos Verdes*, indicados ao Prêmio Jabuti, lançou recentemente o livro de crônicas *O Fascínio do Nada*.

# Uns Meidosems de Henri Michaux

TRADUÇÃO DE  
RICARDO CORONA

---

O poeta belga (naturalizado francês) Henri Michaux empenhou-se a criar realidades e a inventar seres em uma busca por um tanto do “outro lado”. Para isso, parte significativa da sua vida foi dedicada a experiências externas, anotações de um “bárbaro”, em viagens a Ásia, Europa, América, e experiências internas, com uso de haxixe e mescalina. Daí a sua radicalidade ao inventar países e povos como o País da Magia, Poddema, etc. Para Michaux, inventar seres e realidades era também um modo de elaborar distâncias e alargamentos, ética encontrada nos povos visionários, da qual o poeta aproximou sua escrita.

Desta poética da viagem é que se potencializa o estranhamento provocado pelos Meidosems. Seres descolados da realidade, que se movem entre o sólido e o fluido, que estalam e se alargam, seres esquisitos que desestabilizam o referente e rebaixam a metáfora, que são muitos, uma população, num país Meidosem. Seres desconfigurados, elásticos, com rostos abrasados e esgotados. Seres que ferem e estão feridos. Um Meidosem jamais possui imagem definida e talvez nem pertença à imaginação.

Os vizinhos são os cronópios e famas de Cortázar, os marcianos de Ray Bradbury e o uapiti de Boris Vian. Mas vivem em realidades diferentes. Certamente os Meidosems têm algum grau de parentesco com o homem reduzido a fio de Ponge, as finas figuras de Giacometti e, claro, o Odradek de Kafka (que Michaux leu).

Já se disse que os Meidosems são “seres surreais”. Melhor não repetir isso. Apenas coincidem com a chegada do surrealismo. Michaux

sempre relativizou essa associação, chegando a dizer que em seus textos (entenda-se toda sua obra) não havia sequer duas linhas de escrita automática. Por isso, quem sabe, tenha se negado a participar de importante antologia surrealista. Porém, Michaux manteve ligações com os surrealistas e isso Blanchot o disse muito bem. Mas é uma ligeireza cômoda assimilar essa poesia somente via surrealismo.

Há a relação destes fragmentos Meidosems com Marie-Louise, esposa do poeta. Chantal Maillard propôs recentemente essa leitura – sem reduzi-la a isso. O fato é que os fragmentos saíram publicados cinco anos após Marie-Louise sofrer um terrível acidente que marcou a vida do casal. Ao acender a lareira, a roupa de nylon de Marie-Louise pegou fogo e seu corpo sofreu queimaduras de segundo e terceiro grau, levando-a ao óbito um mês depois, por causa de uma embolia pulmonar. Michaux: “É difícil caminhar assim”. Os Meidosems sofrem, estão feridos...

No entanto, das leituras dos Meidosems, talvez a mais interessante seja aquela que deixa os textos à sombra e no seu falar obscuro. “Um corpóreo-incorpóreo, um corpo-alma”, nas palavras de outro comentarista, Raymond Bellour.

O livro *Meidosems* foi publicado inicialmente por uma pequena editora, Le Point Du Jour, em 1948. Em edição de luxo com setenta fragmentos e treze litografias do autor, com tiragem de apenas duzentos e setenta e um exemplares. Um ano depois foi publicado sob o título definitivo de *Retratos dos Meidosems*, em edição comercial pela Editora Gallimard.

A seguir, uns poucos Meidosems de um projeto de tradução em andamento.



*D'AILLEURS, comme toutes les Meidosemmes, elle ne rêve que d'entrer au Palais de Confetis.*

ALÉM do mais, como todas as Meidosems, só sonha entrar no Palácio dos Confetes.

*TRENTE-quatro lances enchevêtrés peuvent-ils composer un être? Oui, un Meidosem. Un Meidosem souffrant, un Meidosem qui ne sait plus où se mettre, qui ne sait plus comment se tenir, comment faire face, qui ne sait plus être qu'un Meidosem.*

*Ils ont détruit son "um".*

*Mais il n'est pas encore battu. Les lances qui doivent lui servir utilement contre tant d'ennemis, il se les est passées d'abord à travers le corps.*

*Mais il n'est pas encore battu.*

TRINTA e quatro lanças imbricadas podem compor um ser? Sim, um Meidosem. Um Meidosem ferido, um Meidosem que não sabe onde se colocar, que não sabe mais como se comportar, como fazer frente, que sabe tão somente ser um Meidosem.

Destruíram o seu "um".

Mas ainda não está vencido. As lanças que deveriam ser-lhe úteis contra tantos inimigos estão transpassadas em seu corpo.

Mas ainda não está vencido.

*SUR ses longues jambes fines et incurvées, grande, gracieuse Meidosemme. Rêve de courses victorieuses, âme à regrets et projets, âme pour tout dire.*

*Et elle s'élançe éperdue dans un espace qui la boit sans s'y intéresser.*

SOBRE suas largas pernas finas e curvadas, grande, graciosa Meidosem.

Sonha com carreiras vitoriosas, alma para nostalgia e planos, alma, nada mais.

E se lança, distraidamente, num espaço que a bebe sem se interessar por ela.

*LE voilà qui file comme un obus. Vitesse que l'oeil ne peut suivre. Qu'arrivera-t-il? Qu'il se rompra en cent morceaux à l'arrivée, à coup sûr et dans le sang. Oh non, Il n'est même pas parti.*

*Il n'est parti que de sa marche d'âme.*

LÁ vai como um obus. Velocidade que o olho não pode seguir. O que acontecerá? Quebrará em mil pedaços, ao chegar, e certamente banhado em sangue. Oh não, sequer saiu.

Saiu apenas com seu passo de alma.

*LE Meidosem comme une fusée s'éclaire. Le Meidosem comme une fusée s'éloigne.*

*Allez, il reviendra.*

*Peut-être pas à la même vitesse, mais il reviendra, appelé par les fibres qui tiennent aux capsules.*

O Meidosem como um foguete se acende. O Meidosem como um foguete se distancia.

Relaxem, ele voltará.

Talvez não tão rápido, mas voltará, atraído pelas fibras que se aderem às cápsulas.

*D'une brume à une chair, infinis les passages en pays meidosem...*

DE uma bruma a uma carne, infinitas, as passagens no país meidosem...





*SUR une grande pierre pelée, qu'est-ce qu'il attend, ce Meidosem? Il attend des tourbillons. Dans ces tourbillons de Meidosems emmêlés, frénétiques, est la joie; or la germination meidosemme augmente avec l'exaltation.*

*D'autres Meidosems attendent plus loin, fils légers qui désirent s'emmêler à d'autres fils, qui attendent des effilochés du même genre, qui passent en flocons emportés par le vent, qui eux-mêmes attendent un courant qui les soulève, les ascende et leur fasse rejoindre ou des isolés ou une troupe plus grosse de "Meidosems de l'air".*

*La chance fait parfois qu'ils rencontrent les algues d'âmes. Mystérieux est leur commerce, mais il existe.*

*Tremblements, emportement cyclonique, ce sont les risques de l'air. Ce sont les joies de l'air. Comment ne pas se laisser emporter par la haute bourrasque meidosemme?*

*Sans doute elle a une fin.*

*Il y a, en effet, constamment dans le ciel des chutes de Meidosems. On y devient presque indifférent. Il faut être parmi les proches pour y faire attention. Certains ont les yeux en l'air seulement pour voir tomber.*

O QUE espera este Meidosem sobre uma enorme pedra pelada? Espera torvelinhos. Nestes torvelinhos de Meidosems emaranhados, frenéticos, está a alegria; e com exaltação a germinação meidosem aumenta.

Mais longe, outros Meidosems esperam, fios ligeiros que desejam emaranhar-se com outros fios, que esperam os esfiapados do mesmo gênero, que passam em flocos pelo vento, que também esperam uma lufada que os levante, os faça acender e os leve a se reunir ou com isolados ou com uma tropa mais numerosa de "Meidosems do ar".

A sorte faz, às vezes, com que se encontrem com as algas de almas. Misterioso é o seu comércio, mas existe.

Tremores, arrebatoamento ciclônico, são os riscos do ar. São as alegrias do ar. Como não se deixar levar pela alta tempestade meidosem?

Sem dúvida que tem um fim.

Com efeito, constantemente se vê quedas de Meidosems do céu. Tantas que são indiferentes. Somente os mais chegados conseguem perceber. Alguns fixam os olhos no ar somente para ver cair.

*ILS prennent la forme de bulles pour rêver, ils prennent la forme de lianes pour s'émouvoir.*

*Appuyée contre un mur, un mur du reste que personne ne reverra jamais, une forme faite d'une corde longue est là. Elle s'enlace.*

*C'est tout. C'est une Meidosemme.*

*Et elle attend, légèrement affaissée, mais bien moins que n'importe quel cordage de sa dimension appuyé sur lui-même.*

*Elle attend.*

*Journées, années, venez maintenant. Elle attend.*

ADOTAM forma de bolha para sonhar, adotam forma de liana para se emocionar.

Apoiada contra um muro, um muro que, aos demais, ninguém nunca voltará a ver – lá está uma forma feita de uma corda longa. Que se entrelaça.

Isso é tudo. É uma Meidosem.

E espera, ligeiramente afundada, embora bem menos que qualquer corda da sua dimensão apoiada sobre si mesma.

Ela espera.

Dias, anos, venha agora. Ela espera.

*UN bandeau sur les yeux, un bandeau tout serré, cousu sur l'oeil, tombant inexorable comme volet de fer s'abattant sur fenêtre. Mais c'est avec son bandeau qu'il voit. C'est avec tout son cousu qu'il décond, qu'il recoud, avec son manque qu'il possède, qu'il prend.*

UMA venda sobre os olhos, uma venda bem apertada, costurada ao olho, caindo inexorável como persiana de ferro se abatendo sobre a janela. Mas é com sua venda que vê. É com todo seu costurado, com o que descostura e volta a costurar, com sua falta que ele possui, e agarra.

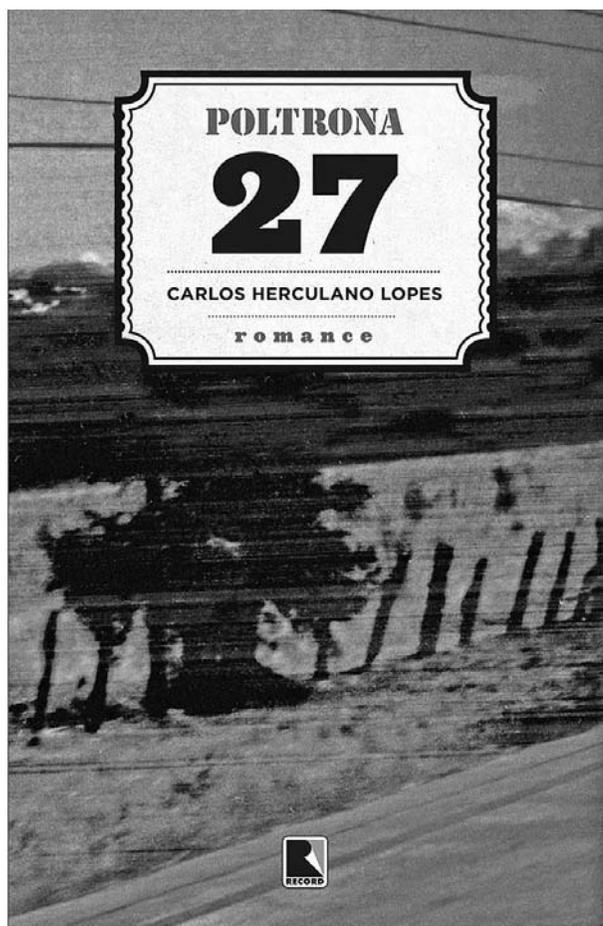


#### RICARDO CORONA

é poeta, tradutor e performer. Autor dos livros de poesia *Cinmaginário* (1999), *Tortografia*, em parceria com a artista plástica Eliana Borges (2003), *Corpo sutil* (2005) – todos publicados pela Editora Iluminuras – e *Amphibia* (Portugal, Cosmorama, 2009).

# O PASSAGEIRO DA 27

LETÍCIA MALARD



Poltrona 27  
Carlos Herculano Lopes  
Grupo Editorial Record  
176 páginas

**C**arlos Herculano Lopes é um romancista que surpreende a seus leitores de fé em cada romance que publica. Ao contrário de tantos escritores, ele não se repete: novo romance é sinônimo de novo formato de configurar a espécie literária “romance”, ainda que certos motivos temáticos sejam repassados de um para outro, talvez como herança subconsciente.

*Sombras de julho*, *A dança dos cabelos*, *O último conhaque* e *O vestido* revelam um Herculano em aperfeiçoamento consciente e gradativo do seu trabalho de escritor. *A dança dos cabelos* problematiza o foco narrativo, quando um trio feminino – avó, mãe e neta – narra em simbiose. No romance *O vestido*, o poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, é reelaborado num competente jogo de espelhos entre poesia e prosa.

Nessa linha aperfeiçoadora, *Poltrona 27*, seu último romance, (Ed. Record, 2011, com posfácio de Silviano Santiago) se apresenta num viés narrativo completamente diverso daqueles dos livros anteriores: há um narrador-mor, que narra a sua própria história e reproduz narrativas de outros narradores, em diferentes tempos do enredo. Nossa intenção aqui está mais voltada para dizer o que é o livro, e menos para dar impressões de leitura.

*Poltrona 27* formata-se como um grande arquivo de *Histórias com Gente Dentro*, apropriando-me do nome de famoso programa da televisão portuguesa. “Causos” de mineiros da gema ou radicados em Minas Gerais, que ora correm paralelos ora se cruzam, tendo dentro “a miserável, feliz e solidária condição de vida das classes populares naquela região do estado”, citando Santiago.

Um dos marcadores da Literatura de Herculano Lopes é a violência rural. Enxergo nela uma tentativa de representar literariamente a desrepressão do Medo enquanto categoria filosófica – categoria essa presente de maneira singela no ruralismo das Minas – devido a crenças, superstições, preconceitos sexuais, relações familiares deterioradas pela incapacidade de comunicação, etc. Assim, suas personagens vivem em luta constante contra o medo da morte, que é o gerador de outros tipos de medo: medo da loucura enquanto Morte em vida, medo da mulher enquanto símbolo do Mal, medo do demônio enquanto responsável por nossas práticas maléficas.

Seus romances têm personagens que praticam ou fantasiam ter praticado um crime hediondo, motivado conscientemente pela vingança (matar padre, o pai, o marido, o cunhado, estuprar mulheres) cuja resultante é uma culpabilidade hereditária que contamina não só a instituição da família como também todo o corpo social. O medo da mulher também leva personagens a ver negativamente as figuras femininas – via de regra prostitutas no real ou no imaginário – como meros objetos sexuais sem voz nem voto, à disposição de todos os desejos do homem, sendo que este costuma caracterizar-se pela asquerosidade, abjeção, repugnância.



Tiago Nines

Ou ainda, o outro lado da moeda: a abjeção feminina pelo sexo, que leva uma das mulheres do romance *A dança dos cabelos*, por exemplo, a matar o marido, depois de extrair dele todos os prazeres. Essa expressão do Medo da morte que conduz ao crime na tentativa de se livrar dela é um dos pontos altos da literatura do escritor mineiro.

Assim, a escrita de Carlos Herculano é iluminada por explosões de diversos tipos, criaturas com defeitos físicos, abundância de sangue, excesso da cor vermelha (pétalas vermelhas, manchas vermelhas (como no romance *O último conhaque*, cujo título já remete a uma grande mancha sanguínea), bichos peçonhentos e rastejantes (cobras, lagartos e jacarés), animais com olhos comidos (peixes e cachorro), profusão de feridas e ferimentos, práticas sexuais dolorosas e/ou rejeitadas por um dos parceiros. Também no *Poltrona 27*, a propriedade rural é infestada de rãs e cobras, o entorno é tomado por velórios, diversas manifestações da morte atalham a narração que culmina com a morte do pai do autor-narrador.

Assim começa o *Poltrona 27*:

“A noite estava escura e uma chuva fina, que havia começado pela manhã, não parava de cair. Era uma quinta-feira, véspera de feriado, já não me lembro qual. A rodoviária, como sempre acontece em ocasiões assim, estava lotada, com gente se acotovelando, num empurra-empurra dos diabos.”

*Se um viajante, numa noite de inverno* – o narrador Carlinhos – em seu imaginário tivesse como companheiro de assento Ítalo Calvino, autor desse outro romance de viagem, suas histórias certamente seriam marcadas por uma chuva de outras repetições. Afinal, o romance metalinguístico do escritor italiano prevê, inclusive, páginas que se repetem, obrigando o leitor a ir trocar o volume numa livraria.

Mas o mineiro Carlinhos, escrevendo no hoje mas também regredindo ao tempo em que o assento de passageiros se chamava poltrona, repete tão somente a mesma viagem, o mesmo trajeto Belo Horizonte-Santa Marta, no mesmo assento do ônibus. O trajeto é igual, porém a companhia se renova em cada viagem. É através das narrativas dos companheiros viajantes que o livro se constrói e se reconstrói, de forma articulada com os acontecimentos e outras narrações intervalares de cada embarque ou desembarque.

Essas ocorrências via de regra se relacionam às tarefas profissionais do narrador-autor na cidade, numa ponta; aos cuidados com sua propriedade rural, na outra: ou seja, o trabalho no jornal e a lida sobretudo com o gado e a agricultura, respectivamente. Porém, atando as duas pontas da vida, entre dois mundos que se opõem, ele interage com membros da família e amigos e suas respectivas histórias, ligando-as àquelas dos desconhecidos que ouve nas viagens.

Tais histórias – ou “causos”, se preferimos – são configuradas como verdadeiras preciosidades sociais da vida do ruralismo nas Minas. Sendo o romance um recortar e copiar de autobiografia e ficção – conforme, aliás, está em moda nestes tempos pós-modernos – Carlos Herculano se coloca ao mesmo tempo na situação de jornalista atento – que ouve depoimentos – e de psicanalista paciente, que escuta (in) confidências. O narrador dividido, duplicado e multiplicado, que prefiro chamar de gerenciador da narrativa, é *sui generis* no conjunto romanescos do escritor. Essa me parece ser a maior novidade teórica do *Poltrona 27*.

A escolha de suas três epígrafes já anuncia o novo procedimento do narrar de Lopes, em que narradores se sucedem e se sobrepõem num pluralismo de vozes, num passar e repassar de informações, comentários e impressões, narradores de si ou daquilo que outros narraram. Tudo isso se acomoda sob o signo da viagem que, ao contrário da técnica narrativa do universo romanescos de Herculano, repete e se repete, como se a repetição fosse um destino irrepresentável. No *decameron* da família narrativizada, encontramos até histórias de imigrantes libaneses que nos evocam o Jorge Amado de *A descoberta da América pelos turcos*.

O gerenciador de narrativas já se anuncia nas epígrafes da obra, cujo exame destacamos agora, com o objetivo de tentar inserir as histórias num *hiperlink*, numa ferramenta de direcionamento no romance. Para nós, o trabalho com epígrafes tem sido bastante rentável.

A primeira, “Só me abalanço a expor a coisa observada e sentida.” – palavras de Graciliano em *Memórias do cárcere* – está para a linguagem do jornal, assim como a segunda, de Nélide Piñon – “Toda memória é uma aliada da invenção. O que predomina na vida é a versão” – está para o discurso psicanalítico. Jornalista (expõe) e psicanalista (escuta) classificam o Carlinhos narrador. A última epígrafe – “no vale nada la vida, la vida no vale nada”, é o estribilho de *Camino de Guanajuato*, do cantor e compositor José Alfredo Jiménez (1926-1973). Guanajuato é um estado mexicano e nome de sua capital, hoje patrimônio mundial, onde nasceu Jiménez. Porque Herculano foi buscar uma canção do México, é outra história que não cabe aqui.

Esta epígrafe, plena de niilismo, remete também aos narradores-pacientes, escutados pelo ocupante da poltrona 27, em viagem ou nas chegadas, saídas e paradas. E Santa Marta – a localidade imaginária deste e de outros livros de Carlos Herculano – às vezes funciona como sua Coluna, a terra natal, ou Minas Gerais, ou o estado de Guanajuato. As cidades interioranas por onde o ônibus vai seguindo, parando ou enquiçando representam Len, outra cidade do México referida na canção de Jiménez, com sua feira de jogo onde “se apuesta la vida” [que nada vale]. Belo Horizonte é a capital Guanajuato, em que morre o pai de Carlinhos.

Junto às histórias contadas no ônibus, ele ouve também a sua própria história, suas histórias de família evocadas diretamente pela mãe, a qual, por sua vez, conta o que lhe contaram dessa rede de histórias. Os casos que desvalorizam a vida não raro evocam no autor-narrador casos parecidos, como o da mulher que perdera quatro pessoas da família, afogadas no mesmo dia, e a menina que ele, na infância, viu afogada. O caso do trabalhador negro, de brincos e trancinhas, preso injustamente, espancado pela polícia e vítima de preconceito. O suicídio do porteiro do prédio. O revólver que dispara casualmente e causa a morte de um amigo de infância.

O romance termina com a descrição da morte do pai, quer dizer, uma viagem sem volta, e o anúncio da continuação da eterna viagem em vida do autor-narrador, como a cumprir o destino repetitivo. E assim se justifica a vida nada valer, na continuação da letra da música [que o escritor não transcreve] e nos episódios em destaque do romance: a vida não vale nada porque, além de ser mera aposta em jogo, “comienza siempre llorando // y así llorando se acaba”.

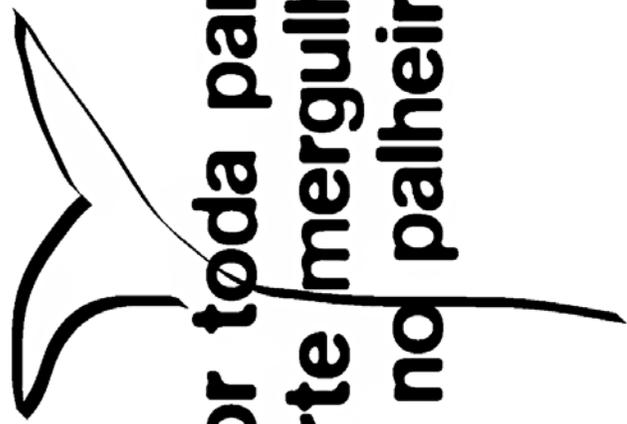
LETÍCIA MALARD

é Professora Emérita de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais, ensaísta e crítica literária.



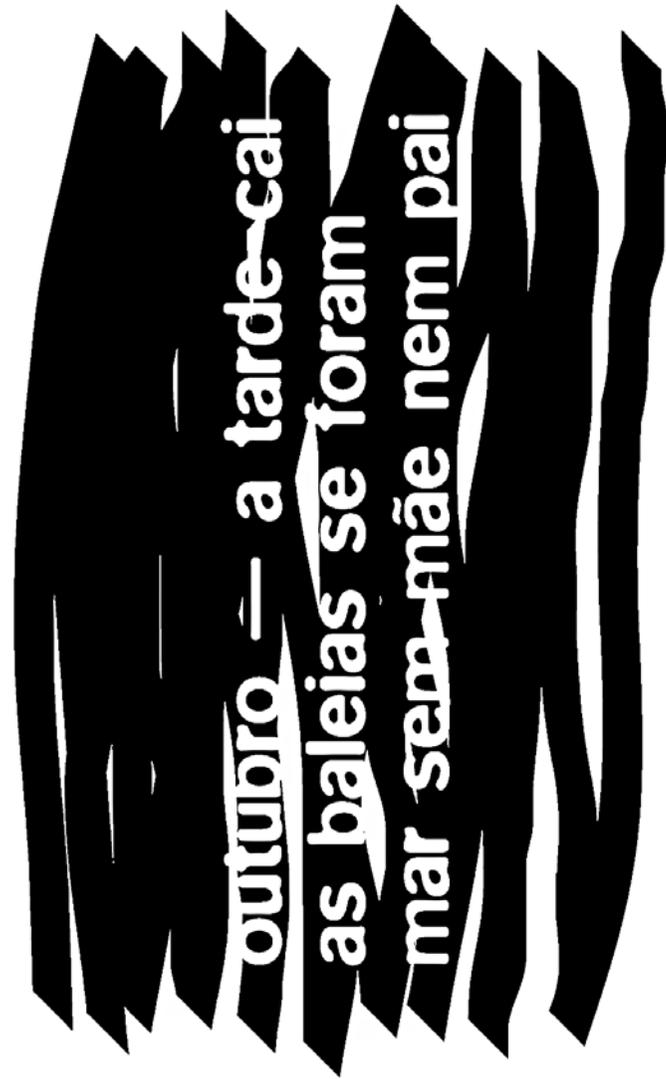
**bañia**  
haikais • guilherme mansur  
**baleia**

Haikais e deZENhos  
da caixa de cachalotes,  
movidos por um encontro  
com as baleias jubartes.  
Ponta do Apaga Fogo,  
Arraial d'Ajuda, inverno  
2009



**mar por toda parte  
a jubarte mergulha  
agulha no palheiro**

**recifes de coral  
baleias cantam  
recifes e coral**



**outubro — a tarde cai  
as baleias se foram  
mar sem-mãe nem pai**

**GUILHERME MANSUR**  
é poeta, designer e artista plástico. Foi programador visual  
do SLMG de 1995 a 2003.

# CAPITÃO

## O RETORNO DO

# CONGO

CONTO DE LUIZ ROBERTO GUEDES

---

*Agora eu era herói e o meu cavalo só falava inglês.*  
(Chico Buarque e Sivuca, João e Maria)

---

para Luiz Ruffato

**A** visita súbita de um amigo antigo, quase esquecido num passado cada vez mais opaco, tinha tudo para ser um fantasma do tempo perdido, menos o mensageiro da ressurreição de um herói legendário, que me levaria a uma reverente escavação da memória através da internet.

Esse amigo também só tinha escapado de se apagar feito uma polaroide, graças a seu nome único, inolvidável, inoxidável.

— O senhor Wallace Bell deseja lhe falar – informou o porteiro do prédio pelo interfone. – Um momento.

— Lembra de mim, Ivanhoé? – o visitante saudou.

Meu fiel escudeiro. Pedi que subisse. Mesmo incomodado com a aparição de alguém de quem eu não tinha notícia há mais de trinta anos.

Wallace Bell Lopes Dantas foi o primeiro amigo que fiz na vila operária, no tempo da calça curta. Seu nome provinha de Wallace Beery, um ator que já tinha morrido. Wallas era um menino troncado, robusto, testa curta, nariz achatado. Um mini-Hulk *avant la lettre* – o monstro verde ainda nem existia em nosso universo.

E a última vez em que nos vimos foi por acaso, num pátio de quartel, onde cantamos o hino nacional e recebemos nossos certificados de dispensa do exército. Eu já tinha deixado o bairro fazia anos.

Abri a porta e deparei com um cinquentão pançudo, com papada e cabelo cortado à moda recruta, coisa que nem chegamos a ser. Apesar da tarde calorenta de sábado, ele trajava um *blazer* escuro e uma gravata bordô.

— Vamos entrando, Guilherme Tell – dei continuidade ao jogo.

— Desculpe a invasão, mas eu estava por perto, sabia que você morava aqui, resolvi arriscar.

Fechei o arquivo no laptop e me dispus a suportar a retrospectiva de três décadas. Bebendo a primeira cerveja, Wallas desfiou os eventos mais importantes em nossa aldeia natal.

O médico dr. Elísio Feitosa, que diziam ser homossexual enrustido, fora retalhado a facadas em sua própria casa. Nosso colega de escola Mauro Nagao Takeshita, o ‘Nashionaro Kido’, afogou-se numa represa, ao ser atingido por uma lancha. O famoso playboy local, Mingo Leonetti, havia morrido como tinha vivido – de modo espetacular: capotou várias vezes numa estrada, antes de cair num despenhadeiro. O juiz de paz do bairro, já velhote, tinha largado a mulher para viver com outro cara, um dentista. Um primo distante, Valtinho, fora morto a tiros, anos atrás; disseram que andava metido com uma mulher casada, mas a polícia nunca pegou o assassino.

Para culminar, a deusa que tinha morado em nossa rua, a exuberante Raquel Venturelli, a “Miss Busto” de peitos campeões, agora só tinha um seio. Câncer de mama. Tudo muito melancólico.

Servi a segunda cerveja e perguntei a Wallas o que andava fazendo na vida.

— Você sabe: me casei com a Malu Poletti, filha do carteiro, tenho dois filhos, Marcelo e Marina, e estou corretor de seguros há dezoito anos. Contando tempo pra me aposentar e jogar fora esta gravata.

— Nunca vou me aposentar – falei. – Não contribuí por tempo suficiente pra ter direito à pensão. Vou ganhar um pé na bunda.

— Artista é imprevidente. Mas eu sempre vejo seu nome como roteirista nas novelas, nas séries. Se tivesse CD-ROM do seu cérebro, eu tinha comprado pra mim e pros meus filhos.

— Bobagem. Como diz o manual, esse negócio é uma receita de bolo: você só mistura os ingredientes de novo.

— Quem é esse aí?

Ele apontou para a imagem que decorava a tela do meu laptop: um cartaz do filme *High Noon*. O xerife vem caminhando para o duelo ao sol, visto entre as pernas de seu adversário, de costas, em primeiro plano.

— Esse é o meu faroeste predileto: *Matar ou morrer*. Gary Cooper faz o xerife Will Kane, que enfrenta, sozinho, cinco bandidos que vieram à cidade para matá-lo. Esse xerife de Cooper inspira o personagem de Clint Eastwood no filme *O Estranho Sem Nome*.

— É, você curte mesmo gibi e filme de mocinho. Hoje em dia eu só leio a legislação de seguros.

— Meu solene horror.

— Puxa, quanto filme a gente viu naquele Cine Olympus, que o povo chamava de Cine “O Sujus”, lembra? Você adorava aqueles caubóis, Rex Allen, Gene Autry, Tim Holt, Bill Elliott. E os seriados? Eu tinha o maior tesão na *Mulher Tigre*.

Eu quase perguntei se ele já tinha pensado em comprar uma roupinha de *Mulher Tigre* para dona Malu, mas achei inconveniente. Em vez, preferi perguntar se ainda existia o Cine Olympus.

— Fechou faz tempo. Virou uma Igreja Internacional do Coração de Jesus, um negócio assim.

— Pena. Os lugares desaparecem, a nossa história acaba.

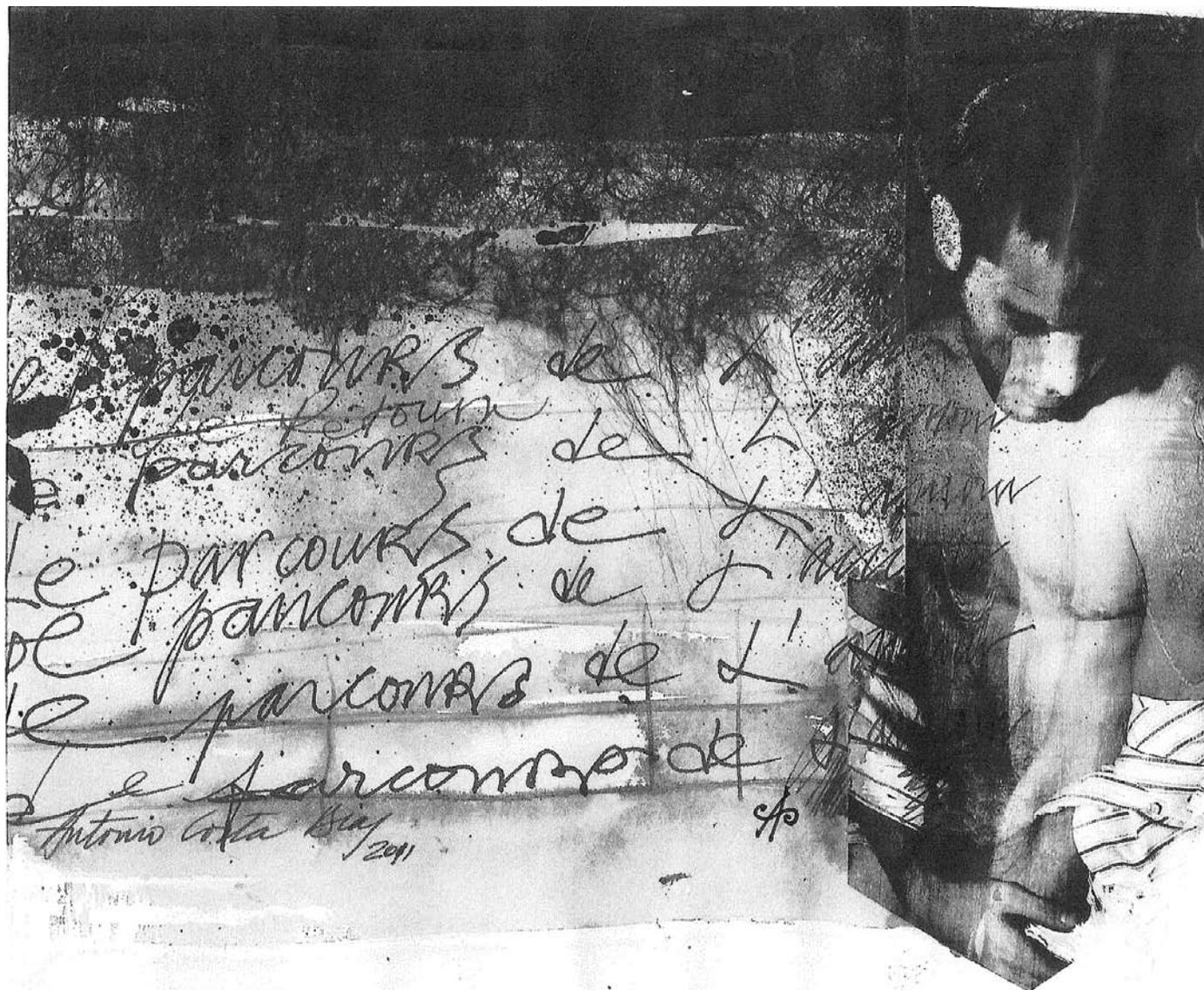
Ele soltou uma risada:

— Lembra uma vez em que a gente foi ao cinema e você perdeu o dinheiro do ingresso? Nossa! Era o último capítulo do seriado do Capitão Congo! Nunca esqueci a sua cara naquele dia. Você quase arreventou no choro.

Foi essa lembrança que me fez embarcar na máquina do tempo.

Eu estava no portão de casa esperando Wallas passar pra gente ir à matinê de sábado, uma da tarde. Sessão dupla: um filme de caubói, outro de pirata, de espadachim, de *Maciste* ou de monstro de outro planeta.

No meio, o episódio semanal de um seriado em quinze capítulos. Agora era a vez do **Capitão Congo, O Vingador da Selva**.



Antonio Costas Dias

Depois de vibrar com mil perigos, catorze sábados a fio, eu não ia perder o último episódio, a vitória do vingador mascarado sobre um monte de inimigos: o vilão canalha Jack Gunn, a terrível tribo canibal, o sheik Hakim Khan e até a sacerdotisa Alveena, uma mulher imortal que vivia no templo do deus-leopardo, na cidade perdida de Zaphira. Sem falar nos leões, tigres, crocodilos e no baita gorila que rondava o templo em ruínas.

No final do capítulo anterior, o vilão Jack Gunn tinha deixado o Capitão Congo todo amarrado em cima do altar de sacrifícios. Pra piorar, o filho da mãe tacou fogo num estopim comprido que terminava num pacote de bananas de dinamite, bem debaixo da estátua do deus-leopardo. Aí o bandidão deu uma gargalhada sinistra e caiu fora, carregando a mochilona cheia de diamantes que tinha roubado da câmara secreta do tesouro.

Alguém precisava chegar a tempo pra salvar o nosso herói. O guia Guy Walker ou o grande amigo do Capitão Congo, o hindu Tarun. Ou até mesmo a linda mocinha June Greene, filha do arqueólogo Carter Greene.

Então Wallas apareceu muito jururu, dizendo que seus pais tinham saído cedo, que estavam demorando, que ainda não tinha o dinheiro pro cinema. Fumando na varanda depois do almoço, meu pai não perdeu um minuto. Puxou a carteira do bolso, tirou duas notas novinhas.

— Tome, Josué: pague o ingresso do seu amigo, outro dia ele paga o seu. Dá e sobra pra dois guaranás.

Dobrei as cédulas com a cara de Getúlio Vargas e enfiei no bolso da calça. Botei debaixo do braço uma dúzia de gibis pra trocar com a menina no intervalo, e batemos perna pro centro do bairro.

Dois moleques de coco raspado, camiseta listrada, calça curta e conga azul pelo caminho rente ao muro quilométrico da fábrica de soda da Companhia Ultra-Química, que meu tio Zezito chamava de “Putaquímica”.

“Fábrica de soda cáustica, não soda limonada”, meu pai brincava.

O muro era alto, avermelhado de poeira, manchado por intempéries, coberto de rabiscos e caretas infantis, numa era pré-graffiti.

Passando por um trecho mais limpo do muro, eu falei:

— Faz um desenho aí, Wallas.

Ele desenhava bem. Catou um prego no chão e riscou num instante o perfil e o topete do Capitão Marvel. O detetive mascarado, com chapéu e gravata: o Espírito, de Will Eisner. O próprio Capitão Congo, com máscara e capuz pretos. O fiel companheiro Tarun, com seu turbante.

— Bora, Zué, senão a gente se atrasa.

A molecada ainda estava trocando gibi na calçada do Cine Olympus. Paramos um instante para ver os cartazes e fotos dos filmes em exibição: **A Maior Aventura de Tarzan**, colorido, com Gordon Scott, Anthony Quayle, Sara Shane e Sean Connery; **Dinossauro!**, com tiranossauro, brontossauro e um homem de Neanderthal, descongelados no século 20; e o último episódio de **Capitão Congo, o Vingador da Selva**.

— Meu pai falou que esse Tarzan foi filmado na África mesmo – eu comentei, empolgado.

— Orra, meu, que legal! Vai logo comprar os ingressos. A sessão começa daqui a pouco.

Caminhei para a bilheteria, meti a mão no bolso e não achei nada. Chequei o bolso esquerdo: nada. Puxei pra fora o forro do bolso direito e vi que estava rasgado. Um buraco no fundo. Meu sangue gelou.

— Que cara é essa, Zué? Cadê os ingressos?

— Perdi o dinheiro, Wallas. Meu bolso tá furado.

— Não é possível! Olha direito!

— Já olhei. Perdi.

Ficamos petrificados. Eu com um nó na garganta, um sentimento de revolta. Por que tinha que perder o dinheiro justo no dia do último episódio do Capitão Congo? Não era justo. Não era mesmo.

— Vamos voltar e procurar – Wallas disse sem um pinga de esperança.

Nem respondi. Vi a porta da Gerência aberta, tive uma ideia desesperada. Puxei Wallas para lá. O gerente estava recostado em sua cadeira, lendo a revista O Cruzeiro. Por trás dele, na parede, cartazes de filmes: **Spartacus**, **Cleópatra**, **El Cid**, **Cantinflas**, **Mazzaropi**. Bati no batente da porta:

— Dá licença, Seu Alfredo?

Seu Alfredo Alonso era gerente do Olympus e também chefe do departamento de Pessoal da Ultra-Química. Um sujeito gorducho, com bigodinho quadrado e cabelo empastado de brilhantina.

— O que é? – a voz dele saía pelo nariz.

— O senhor conhece meu pai, não conhece?

— Sei quem é. O João Peregrino. Boa gente.

— Então, acontece que a gente perdeu o dinheiro do ingresso no caminho pra cá. Agora não dá tempo de voltar pra casa e pedir mais dinheiro pro meu pai. O senhor deixa a gente entrar pra ver o filme? Amanhã eu venho aqui pagar o senhor, sem falta. Palavra.

— Isso é irregular. Lamento, não sou o dono do cinema.

— Por favor, Seu Alfredo, deixa a gente entrar. Hoje é o último capítulo do Capitão Congo.

— Lamento. Não posso abrir o precedente. Outra coisa: o senhor sabe muito bem que está proibido trocar gibi no cinema. Isso sempre dá confusão.

Continuei insistindo com voz estrangulada, mas ele só abanava a cabeça e repetia com voz de Pato Donald que não podia “abrir o precedente”.

De repente, de dentro da sala de cinema veio o grito prolongado do homem-macaco. A garotada assobiou e aplaudiu. Wallas e eu engolimos nossas lágrimas e deixamos Alfredo Alonso ler sua revista em paz.

Uma vez, eu tinha ouvido meu tio Zezito dizer que, se o inferno existisse, Alfredo Alonso já tinha seu lugar garantido. Meu tio trabalhava na Putaquímica como chumbista. Mas nada poderia me consolar naquele dia.

Pelo resto da vida, eu sentiria ódio e desprezo por burocratas calhoradas que recitavam regulamentos.

Voltamos sobre nossos passos, vasculhando cada palmo do trajeto.

Com um pouco de sorte, as duas notas dobradas podiam ter caído no mato ralo que brotava ao pé do muro da fábrica de soda.

Mas a sorte já tinha sorrido para outra pessoa: aquela que achou o dinheiro na poeira vermelha do caminho.

Quanto a mim, ficaria quarenta e tantos anos sem saber o que tinha acontecido no último episódio do seriado. Até uns vinte dias atrás, quando minha filha me mandou, lá de San Diego, Califórnia, um maravilhoso presente de aniversário. O seriado completinho do **Capitão Congo, o Vingador da Selva**.

*Com Richard Reed (Capitão Congo), Gail Logan (June Greene), Burton Travers (Jack Gunn), Kay Clarke (Alveena), Stewart Baxter (Guy Walker), Victor Silver (Tarun), Jerome Hawkes (Hakim Khan) e Cornel De Camp (Prof. Carter Greene). Direção de Spencer Styles, produção de Sam Katzman.*

Simplemente eletrizante para garotos antigos.

Ganhei até um falso brinde vintage, um postcard do herói mascarado, com autógrafo fake de Richard Reed que, aliás, era argentino de nascimento, chamava-se Ricardo Gregorio Tarikian (1919–2005), e morreu obscuro e esquecido num caserón do bairro Caballito, em Buenos Aires.

O rosto debaixo da máscara permaneceu desconhecido.

Agora que conheço tua saga, maior é a tua glória, aventureiro.

LUIZ ROBERTO GUEDES

Paulistano, poeta e tradutor, publicou, entre outros, o livro de contos *Alguém para amar no fim de semana* (Annablume Editora, 2010).



# gato

ANTONIO BARRETO

Para Sonia Junqueira

O principal do gato é a sombra  
e tudo o que fica depois  
de seu salto

O principal do gato é a forma  
e tudo o que fica depois  
de seu rastro

O importante do gato é a unha  
e tudo o que fica depois  
de seu tato

O importante do gato é o olho  
e tudo o que fica depois  
de se vê-lo

O principal do gato é o pêlo  
e tudo o que fica depois  
de sabê-lo

O principal do gato é não lê-lo  
em tudo o que fica depois  
de se sê-lo

O principal do gato é querê-lo  
em tudo o que fica depois  
de se tê-lo.

O mistério do gato: esquecê-lo.

Depois que o gato em nós  
se transforma:

a demora do gato que mora na sala,  
a ternura do gato que mora no quarto,  
embora, o gato, a casa incorpore  
(embora, na casa, o gato não more)

O principal do gato é o rato  
(e o queijo)

E tudo o que fica em nosso desejo  
depois que o silêncio do gato transtorna  
tudo que em nós do gato retorna:  
a fuga, a sombra, a garra, o novelo

ANTONIO BARRETO

mineiro de Passos, é poeta, contista e romancista  
premiado em dezenas de concursos literários.  
Lançou, este ano, o livro de poemas *Vagalovnis*, pela  
Autêntica Editora.